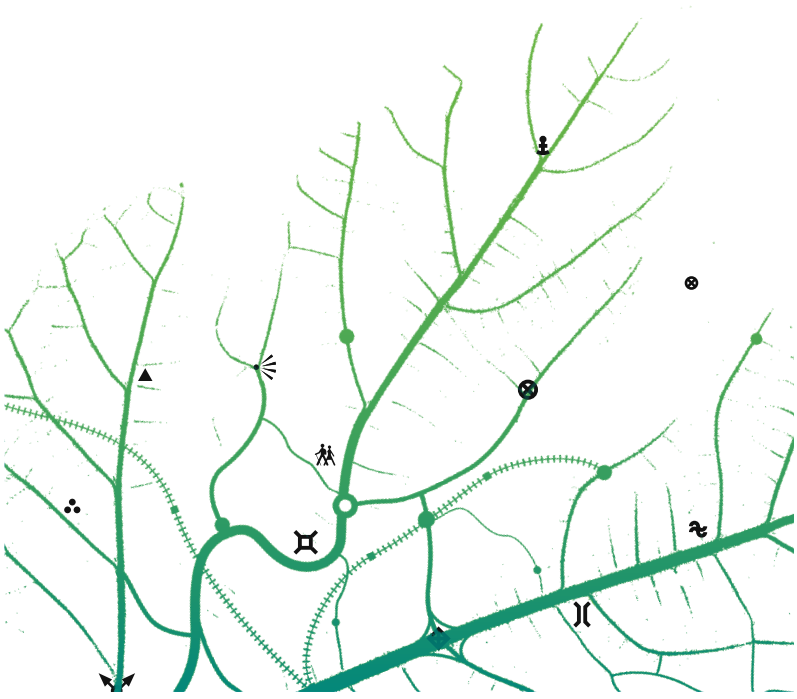
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER
NÚMERO **107**
OUTUBRO|2009

Conferência Gulbenkian

O Ambiente na Encruzilhada

Por um futuro Sustentável

neste número pode ler



4

Conferência internacional sobre Ambiente

O Ambiente na Encruzilhada. Por um futuro sustentável é o título da Conferência Gulbenkian que se realiza nos dias 27 e 28 deste mês. Gilles Lipovetsky, David King, Julie Packard e Jonathon Porritt são alguns dos oradores convidados a discutir o momento de crise que atravessamos e o caminho que importa seguir para tornar sustentável o mundo em que vivemos. A conferência decorrerá no Auditório 2.

6

Anos 70 no CAM

É uma das três exposições preparadas para a abertura da temporada do Centro de Arte Moderna. A 9 de Outubro, mais de 100 artistas vão estar representados nesta mostra, que reflecte uma fase tão particular no panorama das artes plásticas portuguesas e que, como se lê no texto de apresentação da exposição, "foi uma época única que permitiu ampliar e soltar as energias que se foram afirmando ao longo da década de 60". São inauguradas ainda *A interpretação dos sonhos – Fotografias de Jorge Molder* e Jesper Just, esta integrada no Festival *Temps d'Images*.

10

Art Déco, 1925

Criações ímpares de Le Corbusier, Boucheron, Lalique, Léger, entre outros, numa exposição do Museu Calouste Gulbenkian, inspirada na Exposição Internacional das Artes Decorativas e Industriais Modernas, realizada em Paris em 1925. Nela podem ser vistas peças de mobiliário, cerâmicas e porcelanas, vidros, pinturas e desenhos, esculturas e jóias, concebidos por grandes artistas e seleccionados pelas especialistas francesas Chantal Bizot e Dany Sautot.

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER Número 107.Outubro.2009 | ISSN 0873-5980
Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação
Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais | Patrícia Fernandes | Av. de Berna, 45 A, 1067-001 Lisboa,
tel. 21 782 30 00, fax 21 782 30 27 | info@gulbenkian.pt, www.gulbenkian.pt | **Revisão de texto** Rita Veiga [dito e certo]
Imagem da capa R2 design | **Design** José Teófilo Duarte | Eva Monteiro [**DD**LX]
Impressão Euroscanner | **Tiragem** 10 000 exemplares

© Rolando Paolo Guerzoni

12

Ciclo Stockhausen

Durante três dias, a Fundação Gulbenkian evoca Karlheinz Stockhausen, um dos mais originais compositores da segunda metade do século XX, desaparecido em 2007. Vão ouvir-se composições do ciclo *Klang*, um livro de horas em que Stockhausen trabalhou até à véspera da sua morte e que aqui será recordado por Pedro Amaral, compositor e maestro, seu antigo assistente. Uma das obras será executada em estreia mundial e é uma encomenda da Fundação Gulbenkian.

15

Nas Fronteiras do Universo

Para conhecermos melhor o mundo em que vivemos, mas também aqueles que se interrogam sobre as suas fronteiras, a Fundação Gulbenkian apresenta um ciclo de conferências mensais intitulado Nas Fronteiras do Universo. Esta é também uma forma de assinalar o Ano Internacional da Astronomia, já a partir de dia 14.

18

Delegação de Londres com nova Sede

Um edifício de dois andares, com 500 metros quadrados e uma imagem renovada, é o novo espaço do UK Branch, a delegação da Fundação Gulbenkian na capital inglesa. Situado no East End, o edifício da Hoxton Square vai continuar a apostar na inovação e na internacionalização dos seus projectos.

índice

em relevo

4 **O Ambiente na Encruzilhada – por um futuro sustentável**

a seguir

6 **Três exposições na abertura da temporada do CAM**

9 ***Herbário de Sombras* de Lourdes Castro, em Paris**

10 **Art Déco, 1925**

12 **Pedro Amaral em entrevista sobre Stockhausen**

15 **Nas Fronteiras do Universo**

16 **Fórum Gulbenkian Migrações discute novos modelos de integração de imigrantes**

17 **Novas estratégias para o desenvolvimento na CPLP**

18 **UK Branch tem novas instalações**

19 **Novos catálogos na Biblioteca de Arte**

20 **breves**

22 **novas edições**

23 **projectos apoiados**

bolseiros gulbenkian

24 **Jorge Carvalho**

uma obra

26 **Joaquim Bravo**

28 **update**

29 **agenda**

em relevo

O Ambiente na Encruzilhada
Por um futuro sustentável

A 4 de Novembro de 2008, em Chicago, no discurso que assinalou a vitória na corrida eleitoral para a Casa Branca, Barack Obama enunciou as grandes questões do futuro, dizendo aos que votaram nele: "Sei que não pensaram apenas em ganhar esta eleição ou em eleger-me. Sei que o fizeram porque conhecem as tarefas que nos esperam. Os desafios que o amanhã nos trará são os maiores das nossas vidas – duas guerras, um planeta em perigo, a pior crise financeira em um século." A responsabilidade perante o planeta ameaçado foi, pela primeira vez, encarada num discurso de um presidente norte-americano, demonstrando a emergência de uma mudança.

Vivemos um tempo em que todos os minutos são essenciais para traçar outras rotas, diferentes das que percorremos até aqui. Num momento de grave crise financeira e de valores, em vésperas da decisiva cimeira de Copenhaga, é fundamental discutir os caminhos que temos pela frente, em busca de um futuro mais sustentável. É esse o mote para a Conferência Internacional *O Ambiente na Encruzilhada. Por um futuro sustentável*, marcada para os dias 27 e 28 deste mês, na Fundação Calouste Gulbenkian. ■

Por Viriato Soromenho-Marques | *Comissário da Conferência e coordenador do Programa Gulbenkian Ambiente*

Habitamos hoje, quer como indivíduos, quer como membros das mais diversas comunidades políticas e culturais, um período particularmente perigoso e exigente da história humana. O conceito de "crise" tem-se transformado progressivamente numa palavra equívoca, perdendo a necessária claridade conceptual tanto para descrever com rigor a multiplicidade de acontecimentos relevantes que ocorrem simultaneamente em diversos palcos, como para identificar as linhas de fuga que constituirão os factores decisivos na urgente formação de novas, adequadas e firmes políticas públicas, tanto ao nível doméstico como global.

A Conferência Gulbenkian, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian sob o título *O Ambiente na Encruzilhada. Por um futuro sustentável*, pretende contribuir para o indispensável esclarecimento intelectual de que carecemos em numerosos domínios da vida económica e social do mundo contemporâneo. Na verdade, o que se arrisca é nada menos do que a própria sobrevivência de uma civilização complexa à escala planetária.

A Conferência Gulbenkian irá debruçar-se sobre os quatro temas cruciais que de seguida se enunciam:

– Até que ponto está a presente crise económica e financeira internacional enraizada em sistemas com falhas estruturais e em declínio, como, por exemplo, a capacidade global do planeta para fornecer serviços ambientais essenciais, ou a capacidade institucional dos governos em providenciarem políticas públicas conducentes à erradicação da pobreza, à estabilidade e à paz?

– Qual é a efectiva gravidade do estado do ambiente planetário? Temos de tomar em consideração novos dados científicos relativos não só às alterações climáticas, como também à aceleração do ritmo de perda da biodiversidade, bem como ter em vista as consequências dramáticas no médio e longo prazos decorrentes do eventual colapso de vastos ecossistemas, em virtude da possível ultrapassagem dos chamados "pontos de viragem" (*tipping points*).

– Como deverá ser reconfigurado o sistema económico, tendo em vista transformar um provável longo período de recessão numa oportunidade para reformar os fundamentos mais profundos da organização social, fazendo da produção, do consumo e dos valores éticos alavancas que nos permitam erguer-nos até um estilo de vida mais compatível com o ambiente?

– Como poderão ser elaboradas novas políticas que possam estimular a criatividade e o engenho públicos? Que instituições serão indispensáveis para sustentar um sistema internacional que seja efectivo, numa articulação harmoniosa e eficaz entre organizações internacionais, convergindo, através de estratégias e instrumentos adequados ao longo prazo, na tarefa de enfrentar com sucesso os grandes problemas globais?

Ao abordar com clareza todas estas questões, a Conferência Gulbenkian pretende também contribuir para uma antecipação da Conferência de Copenhaga, a ocorrer em Dezembro próximo, dedicada pelas Nações Unidas à premente tarefa de construir um novo, justo e forte regime climático internacional. Só através de um contrato ambiental de alcance planetário poderá a humanidade ser capaz de se unir, tirando partido dos seus enormes recursos de inteligência e inovação, bem como de outras competências imprescindíveis para superar com êxito este delicado período de transição em direcção a um futuro sustentável.

27 de Outubro [Terça-feira]

9h30

Sessão de abertura
Emílio Rui Vilar, Presidente, Fundação Calouste Gulbenkian
Viriato Soromenho-Marques, Coordenador Científico, Programa Gulbenkian Ambiente
José Manuel Durão Barroso [Depoimento vídeo], Presidente, Comissão Europeia

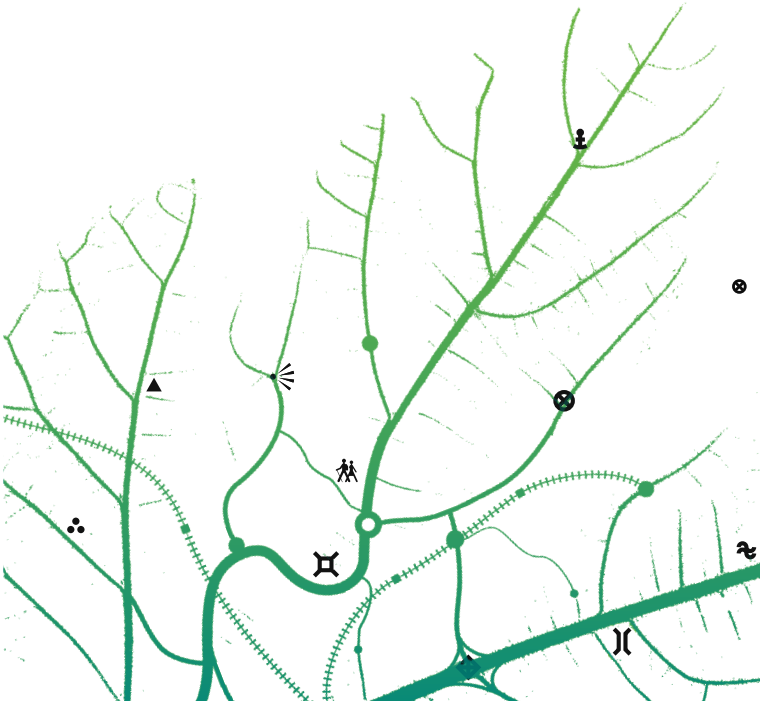
As alterações climáticas como força decisiva de mudança global
Conferência de abertura
David King, Smith School for Enterprise and the Environment, Oxford

14h30

O estado do ambiente e as suas dimensões sociais
Moderador: **George Polk**, European Climate Foundation, Haia
Terá a biodiversidade futuro?
Miguel B. Araújo, Museo Nacional de Ciencias Naturales de Madrid, Universidade de Évora
O imperativo ético da sustentabilidade na gestão da água
Pedro Arrojo-Agudo, Universidade de Saragoça
A crise do ambiente e o futuro da agricultura
José Lima Santos, Universidade Técnica de Lisboa

17h00

Conferência principal
Presidente: **António Pinto Ribeiro**, Programa Gulbenkian Próximo Futuro
A felicidade na sociedade de hiperconsumo
Gilles Lipovetsky, Universidade de Grenoble



28 de Outubro [Quarta-feira]

9h30

O estado do ambiente e as suas dimensões económicas
Moderadora: **Susana Fonseca**, Quercus – Associação Nacional de Conservação da Natureza
A Europa, os EUA e a China depois da crise: à procura de novos modelos de crescimento sustentável?
Allan Larson, Universidade de Lund, Suécia
Os cidadãos como actores do desenvolvimento sustentável
Malini Mehra, Centre for Social Markets, Delhi
O mercado de emissões e o futuro da economia do carbono
Pedro Martins Barata, Centre for Clean Air Policy, Washington

Conferência principal
Presidente: **João Falcato**, Oceanário de Lisboa
Definindo um rumo para o futuro dos oceanos: a situação actual e as perspectivas futuras
Julie Packard, Monterey Bay Aquarium

14h30

Governança para a sustentabilidade
Moderador: **David Silva e Sousa**, Centro de Estudos e Estratégias para a Sustentabilidade
A governança para o desenvolvimento sustentável: uma perspectiva
Nitin Desai, The Energy & Resources Institute, India
Alterações climáticas: A perspectiva Europeia
Alex Ellis, Embaixador do Reino Unido em Lisboa
Uma nova política de sustentabilidade com a Administração Obama: progresso e obstáculos
Miranda Schreurs, Environmental Policy Research Centre, Freie Universität Berlin

17h00

Conferência principal
Presidente: **Luísa Schmidt**, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
Será possível um futuro sustentável?
Jonathon Porritt, Forum for the Future, Londres

18h00

Sessão de encerramento
Emílio Rui Vilar
Viriato Soromenho-Marques

Três exposições
na abertura da temporada do CAM

Nikias Skapinakis, Delacroix no 25 de Abril em Atenas, 1975, Óleo sobre tela, 145 x 235 cm, Col. particular, Lisboa

Uma mostra dedicada à arte dos anos 70 em Portugal – Atravessar Fronteiras –, uma outra de fotografia de Jorge Molder – A interpretação dos sonhos –, e ainda uma instalação vídeo de Jesper Just, integrada no Festival Temps d'Images, assinalam o início da nova temporada do Centro de Arte Moderna. Todas as exposições abrem ao público a 9 de Outubro.

Anos 70. Atravessar fronteiras

Organizada pelo Centro de Arte Moderna (CAM), em conjunto com o Serviço de Belas-Artes, a mostra **Anos 70. Atravessar Fronteiras** vai ocupar praticamente todo o edifício do CAM. Raquel Henriques da Silva (comissária), Ana Ruivo e Ana Filipa Candeias (investigadoras) escolheram uma centena e meia de obras de mais de 100 artistas, propondo como fio condutor duas grandes áreas temáticas: A necessidade de intervir; e Experimentar: série e variação. As obras pertencem às colecções do CAM, da Fundação de Serralves, do Museu do Chiado, do Museu Berardo, da Caixa Geral de Depósitos e de diversas colecções privadas, muitas delas dos próprios artistas.

Os anos 70 têm, em Portugal, uma fortíssima marca política, influenciada pela Revolução do 25 de Abril de 1974 e pelos primeiros anos de democracia. Para as artes, esta foi uma época única, que permitiu ampliar e soltar as energias que se foram afirmando ao longo da década de 60. As disciplinas tradicionais – sobretudo a pintura e a escultura –

tornaram-se campo de experiência, quer pelo uso de materiais e técnicas inéditos, quer pelo cruzamento das várias formas de expressão cultural. Mas foram também incorporando influências próprias dos novos meios, como a fotografia, o vídeo, a instalação e a *perfomance*, num cruzamento de processos e estéticas que atravessam todas as fronteiras.

Arte na Rua

No dia 8 de Outubro, entre as 8h e as 12h, no âmbito desta exposição, será reconstituída junto ao CAM, na Rua Dr. Nicolau de Bettencourt (que estará fechada ao público), a primeira intervenção do grupo ACRE. Este grupo formou-se em torno dos artistas Clara Menéres, Lima Carvalho e Queiroz Ribeiro, e a sua acção não autorizada e realizada de noite procurava trazer a arte para a rua, propiciando, através de formas visuais simples, uma leitura renovada dos espaços urbanos e estabelecer uma comunicação directa entre artista e público.
Recuperando a iniciativa de Agosto de 1974, na calçada da Rua do Carmo em Lisboa, será evocado o período marcante que envolveu a arte portuguesa no contexto do pós-25 de Abril, com a pintura de uma malha de círculos de duas dimensões a rosa e a amarelo, demarcando-se assim da gama cromática privilegiada pela maior parte dos partidos políticos da época, o vermelho e o preto.

Esta mostra sublinha o atravessar de fronteiras que não se deu apenas nas artes, mas aconteceu também na literatura, no teatro, no cinema, na música, na dança, na cenografia, no cartoonismo, no cartazismo, reivindicando uma das utopias fundadoras da cultura do século XX: a arte está na rua e mistura-se com o quotidiano; não trata do belo, mas da (des)construção da vida, numa programática de questionamento e experimentação, que vai da esfera individual ao compromisso político mais amplo.
Também se tratou de "atravessar fronteiras" políticas e geográficas, assumindo um nomadismo criativo que circula entre cidades e grupos, antecipando a sociedade global do início do século XXI.
Dos cerca de 100 artistas presentes, há figuras tutelares há muito consagradas e jovens artistas em início de carreira. A selecção foi naturalmente histórica, numa perspectiva de obra aberta, por áreas temáticas ou afinidades inesperadas, propondo aos visitantes que construam o seu próprio percurso e as suas escolhas, apoiados, nomeadamente, numa vasta documentação.

Foi ainda possível encomendar a alguns artistas obras que haviam deixado de existir (o caso da instalação de Alberto Carneiro e Carlos Nogueira, da escultura de José Aurélio e as pinturas do grupo ACRE) ou refazer e reapresentar outras, como as de Ana Vieira, Túlia Saldanha, Alberto Pimenta, Rui Órfão e António Costa Pinheiro.
O trabalho desenvolvido ao longo de meses de investigação, e em contacto permanente com os artistas, vai fazer reviver esses anos em que os subsídios da Fundação Gulbenkian foram uma condição irrepetível de experimentação e criação. ■

Anos 70. Atravessar Fronteiras
Centro de Arte Moderna
Até 3 de Janeiro de 2010

A interpretação dos sonhos
Fotografias de Jorge Molder

No início de 2009, Jorge Molder doou ao Centro de Arte Moderna duas séries de fotografias: *O Pequeno Mundo*, de 2000, e *Não tem que me contar seja o que for*, criada entre 2002 e 2007. Na exposição individual que agora apresenta na sede da Fundação, será somada, a estas duas, uma terceira série, recente e inédita, *A interpretação dos sonhos*, que dá o nome à exposição.
Em *O Pequeno Mundo*, "um homem procura desenhar e confrontar o seu desenho com o mundo (a casa) como se procurasse encontrar uma passagem" – pode ler-se num pequeno texto do artista sobre esta série. Este homem, que esbarra em paredes translúcidas, percorre uma casa esconsa e de corredores estreitos, "que entendemos de imediato estar

Jorge Molder, da série A interpretação dos sonhos, 2009, tiragem digital pigmentada sobre papel Somerset Satin 300g/m², 102 x 102 cm

ligada ao seu passado". O circuito fechado desta deambulação é o lugar aberto da procura de uma passagem, que se situa para lá deste espaço.
A frase que constitui o título da segunda série, *Não tem que me contar seja o que for*, é paradigmática de uma resistência à criação narrativa explícita, frequentemente afirmada pelo artista numa entrevista: "Uma série é sempre uma sequência narrativa, na aparência, onde nada há para contar, não obstante estarem reunidas condições para fazer despertar o sentido da decifração. São conjuntos de situações suspensas." (Jorge Molder em entrevista a Maria do Céu Baptista, Centro Galego de Arte Contemporánea, 2007.)
Esta série foi exposta em 2006 na Cinemateca Portuguesa e, sobre ela, João Bénard da Costa escreveu, a certa altura: "Nada mais longe do cinema do que a fotografia. Mas estas fotografias são o cinema." O rosto e as mãos são privilegiados: dão corpo ao medo, ao êxtase ou ao sofrimento, no primeiro caso; ao espectáculo, ao indício, ao sortilégio, no segundo; à surpresa ou à crispação, em ambos.
Acerca de *A interpretação dos sonhos*, série inédita desta exposição, Jorge Molder explica que "reúne 21 imagens, recorrentes, obsessivas, espessas de sentidos e tendentes para limites, de momentos do mundo paradoxal dos sonhos. O título refere-se, e presta homenagem, à obra com o mesmo nome do célebre, por tantas razões, romancista austríaco, Sigmund Freud. O título estende-se igualmente à totalidade da exposição por um motivo inegavelmente evidente: o carácter crepuscular de todas as imagens".
A curadoria é de Leonor Nazaré. ■

Sala de Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian (piso 01)
Até 31 de Dezembro

Jesper Just

Esta é a primeira exposição individual do artista dinamarquês no nosso país e chega integrada no Festival *Temps d'Images 2009*. Na mostra é apresentada uma instalação vídeo de três filmes inter-relacionados do ponto de vista temático: *A Voyage in Dwelling*, *A Room of One's Own* e *A Question of Silence* (2008). Além desta trilogia, a exposição incluirá o primeiro trabalho de Just, realizado em 2002, *No Man Is an Island*, *This Love is Silent*, de 2003, e ainda o mais recente trabalho do artista, filmado em Detroit, nos EUA, em 2009.
Os três filmes de 2008 tratam da viagem interior, mas também física, de uma mulher de meia-idade e do modo como aprecia, se afasta e rejeita o seu próprio desenvolvimento, mostrando os diferentes estados psicológicos. Do ponto de vista visual, o trabalho *This Love is Silent* contém referências ao clássico *film noir* e ao género cinematográfico dos filmes sobre a máfia. A dramaturgia do trabalho centra-se no jogo psicológico que se desenvolve entre três homens. O título do filme de estreia de Just, *No Man Is an Island*, refere-se a uma famosa citação do poeta inglês do século XVII John Donne, que sublinhava o facto de nenhum ser humano poder existir totalmente isolado. Neste filme, um homem de meia-idade dança em câmara lenta à volta da praça Blågårds em Copenhaga, ao mesmo tempo que um homem mais jovem está sentado na praça, sozinho e a chorar. Este cenário, acompanhado por um jazz etéreo, chega-nos como um *pastiche* de um filme dos anos 50, simultaneamente auto-irónico e vagamente irreal. Sempre ambíguos, os vídeos de Jesper Just são de uma grande complexidade psicológica e convidam o espectador a múltiplas interpretações.
Jesper Just nasceu em Copenhaga em 1974 e vive entre Copenhaga e Nova Iorque. Licenciou-se pela Royal Danish Academy of Fine Arts, em 2003 e já realizou exposições na Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, China, Dinamarca, Finlândia, França, Grécia, Alemanha, Hungria, Irlanda, Itália, Lituânia, Luxemburgo, México, Países Baixos, Noruega, Polónia, Coreia do Sul, Espanha, Suécia, Reino Unido e EUA. ■

Centro de Arte Moderna
Sala de Exposições Temporárias
Até 18 de Janeiro

A Voyage in Dwelling

Lourdes Castro
Herbário de Sombras exposto em Paris

Depois da mostra sobre mulheres fotógrafas – Au Féminin – exibida este Verão, o Centro Cultural Calouste Gulbenkian vai expor, a partir de 14 de Outubro, o Grande Herbário de Sombras de Lourdes Castro.

Trata-se de um trabalho de maturidade plástica, realizado no Verão de 1972, na ilha da Madeira, e que nos transporta para um tempo de deslumbramento da infância. A raiz do seu tema é de uma simplicidade desarmante: a infância, o jardim, a ilha, a sua atenção iniciática a estas formas de vida.

O objecto em si é um verdadeiro herbário de plantas, científico e meticuloso, organizado sob a forma de um livro ou de um catálogo, onde são apresentadas as sombras projectadas de cerca de 100 espécies botânicas diferentes. A artista desenvolveu naturalmente este trabalho, motivada pelo reencontro desse mundo natural e mágico e a partir da memória dos seus primeiros ensaios de serigrafia (1962), onde obteve as primeiras sombras projectadas de objectos.

Foi precisamente em Paris, onde viveu durante 25 anos e onde fundou o Grupo KWY, que Lourdes Castro iniciou a sua pesquisa em torno das possibilidades de representação da sombra, que se tornou o centro do seu trabalho. Experimentando todas as possibilidades físicas desta representação, transformou esta pesquisa plástica numa forma de atenção ao mundo. Uma atenção absoluta como um estado de encantamento, que a levou a registar e sistematizar as suas imagens como um álbum de negativos; "Álbum de Família" é como a autora denomina os numerosos volumes que tem preenchido com tudo o que pode recolher relativo às sombras – frases de poetas, páginas de livros, fenómenos físicos, reproduções, fotografias, pensamentos.

Para a artista, a sombra não comporta sinais de obscuridade, mas de luz. A sua função é revelar um contorno e a clarividência que este traço representa para o seu olhar. Trata-se sempre do contorno de sombras e não de corpos. Para além do objecto, o que se valoriza é a sua relação com o mundo – a luz, a atmosfera, a hora, os sinais subjectivos. É a sombra que define a situação de um corpo entre o céu e a terra.

Esta pesquisa em redor da sombra fê-la utilizar, a dada altura do seu percurso, o plexiglas, um material novo dotado de uma plasticidade absoluta. Utilizando uma, duas ou mais placas deste material transparente (por vezes fluorescente), a artista passou a materializar as sombras e a transformá-las em agentes de outras sombras. Nestes trabalhos, reconhecemos as sombras de muitos dos seus amigos, nos gestos simples dos rituais de todos os dias – pentear, ler, fumar – ou dos seus objectos mais familiares.

A sua estadia em Berlim, entre 1972 e 1973, permitiu-lhe o aperfeiçoamento das suas experiências com o teatro de sombras, iniciadas alguns anos atrás. A partir daí, e em colaboração com Manuel Zimbro, dedicou-se inteiramente à concepção destes espectáculos. Transformando o seu próprio corpo em sombra, Lourdes Castro torna-se a protagonista da sua ficção. O teatro age no domínio da plasticidade, sem representação nem narrativa. A história está implícita no movimento das sombras no espaço, com os seus gestos mínimos do quotidiano tão próximo da vida, que com ela se encontram.

A singularidade do Grande Herbário de Sombras realizado nestes anos, situa-se exactamente neste plano da convocação de imagens de vida, num diálogo imaginado entre o objecto e o seu duplo, o corpo e a alma, o real e o mágico. Nas páginas deste herbário e nas sombras de cada uma das plantas representadas vemos muito mais do que o seu traçado. O seu poder convocador de outras imagens coloca-nos no deslumbrante território da utopia.

O comissariado é de Helena de Freitas. ■

Centro Cultural Calouste Gulbenkian, Paris
14 de Outubro a 18 de Dezembro

Art Déco 1925

Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian
16 de Outubro de 2009 – 3 de Janeiro de 2010

Alfred-Auguste Janniot (1889-1969), A Primavera: Homenagem a Jean Goujon, Roma, 1919-1924, Calcário (pedra de Roma), parcialmente policromático, 220 x 235 x 129 cm, Museu Calouste Gulbenkian © Carlos Azevedo

Art Déco, 1925 é inspirada na Exposição Internacional das Artes Decorativas e Industriais Modernas, que se realizou em Paris, em 1925, e cujos conteúdos se distinguiram por um confronto entre o mito da tradição e a procura de uma modernidade, por vezes de cariz mais revolucionário. Esta exposição permite também caracterizar estilisticamente as artes decorativas no período entre as duas guerras mundiais. É dada a palavra a um notável conjunto de criações artísticas *Art Déco*, designação atribuída bem mais tarde, na década de 60.

Na exposição, podemos ver peças de mobiliário, cerâmicas e porcelanas, vidros, pinturas e desenhos, esculturas e jóias, concebidos por artistas, manufacturas ou ateliês cujos trabalhos, na sua maioria, integraram a Exposição de 1925. Ter-se-á, assim, a oportunidade de apreciar as luxuosas criações de Rulhmann, Süe et Mare, Jourdain, Chareau, Cartier, Boucheron, Lalique, Léger, Le Corbusier, Dupas, Despujols, Groult, entre tantos outros, ou de artistas das manufacturas de Sèvres, de Beauvais, de Baccarat e de Christofle. Na exposição são ainda apresentadas as obras de dois artistas portugueses, Canto da Maya e Diogo de Macedo, que também participaram neste movimento.

A mostra é comissariada por duas especialistas francesas na área, Chantal Bizot e Dany Sautot. ■

René Lalique (1860-1945), para D'Orsay, Frasco de perfume «Leurs Âmes»
Modelo criado c. 1913, Vidro branco, soprado e moldado

Edgar Brandt (1880-1960), Portas de elevador, França, c. 1925, Ferro forjado, vidro, bronze dourado e patinado, 240 x 85 cm (cada) © Carlos Azevedo

Robert Bonfils (1886-1971), Cartaz, 1925, Impressão: De Vaugirard, Paris
Litografia a cores sobre papel

Jacques-Émile Ruhlmann (1879-1933), Chiffonnier modelo «Cabanel», c. 1921-1922
Ébano-de-macassar, marfim, 133,5 x 77,5 x 46 cm

Horário da exposição
Terça a domingo: 10h-18h
Encerrada às segundas e nos feriados
de 25 de Dezembro e 1 de Janeiro

Visitas Orientadas
Terças e quintas: 15h
Outubro: 22, 27, 29 | Novembro: 3, 5, 10, 12, 17, 19, 24, 26
Dezembro: 3, 10, 15, 17, 22, 31
Para grupos organizados mediante marcação prévia:
De segunda a sexta, das 10h às 12h e das 14h30 às 16h30
Tel.: 21 782 38 00 | descobrir@gulbenkian.pt

Concertos de Domingo
Música francesa nos primórdios do século XX
Átrio da Biblioteca, 12h
Entrada livre

18 de Outubro
La chanson
Obras de Saint Saëns, Fauré, Debussy e Ravel, entre outros
Sandra Medeiros Soprano, Francisco Sassetti Piano

8 de Novembro
Música de Câmara
Obras de Ravel, Damase, Ibert e Françaix
Vera Dias Fagote, Cristina Anchel Flauta,
Pedro Ribeiro Oboé, Ester Georgie Clarinete,
Jonathan James Luxton Trompa

Pedro Amaral
em entrevista

"Stockhausen reinventou-se inteiramente em cada obra"

© Christian Ganet

A 3, 4 e 5 de Outubro, a Temporada Gulbenkian de Música apresenta o* Ciclo Stockhausen*, onde serão interpretadas mais de metade das composições integradas no ciclo Klang, a última obra do compositor alemão. Nos dias 3 e 4, os concertos serão antecedidos da apresentação de quatro filmes sobre Stockhausen, entre eles o do realizador francês Olivier Assayas, a partir das coreografias criadas para* Sonntags Abschied *pelo coreógrafo Angelin Preljocaj. A 5 de Outubro, os filmes darão lugar ao comentário pré-concerto com o compositor português Pedro Amaral.

Conhecedor da obra de Stockhausen, cujos trabalhos,* Gruppen *e* Momente*, foram tema das suas teses de mestrado e doutoramento, Pedro Amaral foi também assistente do compositor alemão em diversos projectos. Nesta breve conversa, Pedro Amaral deixa alguns bons motivos para se assistir ao ciclo Stockhausen.

No último concerto deste ciclo (5 de Outubro), em que o Pedro Amaral fará um comentário pré-concerto, uma das obras é uma estreia mundial e a outra uma estreia em Portugal. Fazem ambas parte do ciclo *Klang*. Pode explicar-nos que composições são estas?

São obras escritas nos últimos meses da vida do compositor, mas é necessário recuar no tempo para falar em *Klang*. Quando iniciou este projecto, Stockhausen tinha terminado a sua longuíssima *Licht*, um ciclo de sete óperas que, de algum modo, espelha o ciclo dos sete dias da semana, sendo cada uma das óperas associada a um dia preciso. No novo projecto, *Klang*, Stockhausen pretendeu trabalhar o ciclo das vinte e quatro horas do dia compondo uma peça para cada hora – e sempre disse que, se tivesse mais tempo de vida, gostaria de vir a trabalhar o ciclo dos minutos que completam a hora, e, mais tarde, o ciclo dos segundos que completam o minuto. Já antes, é necessário dizer, tinha trabalhado o ciclo das estações que completam o ano, na sua obra *Sirius*, assim como o ciclo dos doze meses e respectivos signos do zodíaco na sua obra *Tierkreis*. Em *Klang*, que assim nos aparece como uma continuação lógica da sua obra e da sua visão dos ciclos temporais, Stockhausen procurou espelhar em música as vinte e quatro horas do dia, através de vinte e quatro peças, cada uma das quais associada a uma determinada hora. Como sempre, fez um plano antes de começar a compor, e se é verdade que não teve tempo de compor o ciclo completo, o plano permite como que deduzir algumas novas peças a partir das anteriores. Nesse sentido, podemos dizer que algumas delas são, de algum modo, "póstumas". Há um conjunto de peças extremamente originais e individualizadas na sua linguagem: *Himmelfahrt*, para grande órgão de catedral, *Freude*, para duas harpas,

Himmels-Tür, para um percussionista que constrói toda música fazendo vibrar as várias partes de uma grande porta, *Cosmic Pulses*, para música electrónica pura; e há um conjunto de outras que são, por assim dizer, "deduzidas", em particular das várias camadas polifónicas desta última.

São projectos de escrita muito originais...
Extremamente originais, com linguagens sempre renovadas. A peça para órgão, com dois cantores, por exemplo, apresenta um tipo de rítmica totalmente nova, assente numa sobreposição de *tempi* diferentes, velocidades diferentes para a mão esquerda e para a mão direita do organista – o que a torna extraordinariamente difícil de executar. Curiosamente só no final da sua vida Stockhausen utilizou, pela primeira e única vez, o órgão de igreja, este instrumento de tecnologia avançada do período Barroco – ele que toda a vida trabalhou com a mais avançada tecnologia contemporânea. É significativo que, desde o início, tenha previsto que a peça possa ser interpretada num sintetizador moderno.

Fala-se de uma certa teologia acústica procurada nestas obras. Todas elas têm títulos como *Ascensão*, *Esperança*, *Beleza*, *Passeio no Céu*, *Cosmic Pulses*. Pensa que Stockhausen as compôs como se soubesse que iria ser uma última obra?
Sim e não. Em relação à "teologia acústica", como diz, Sockhausen sempre procurou uma espécie de cosmogonia, não completamente organizada, uma vez que ele não era teólogo ou antropólogo, mas através da qual procurou dar uma certa materialidade à sua fé e ao seu grande misticismo. Parece-me natural que, no fim da vida, essa espiritualidade se tornasse mais explícita, mas ela está lá desde o início: veja o esplêndido Canto dos Adolescentes, de 1955/56 sobre uma passagem do Antigo Testamento; veja o final da partitura de *Gruppen*, de 1957/58, onde Stockhausen inscreve a expressão *Deo Gratias*. Essa dimensão religiosa é assumida desde o princípio (até por oposição a Boulez e a Nono: o religioso por contraste com o racionalista e o político), mas no fim da vida foi-se tornando mais exposta. Este é um aspecto. Em relação ao facto de Stockhausen sentir que estava a compor a sua última obra, há nisso algo de paradoxal: penso que ele sentia efectivamente a aproximação da morte (aliás ele falava abertamente nisso), mas continuou a compor como se tivesse diante de si a eternidade para terminar a sua obra. Sem sombra de pressa. E isso é fascinante!

Esse sentimento transparece na obra?
Completamente. *Freude*, para duas harpas, não tem a mínima precipitação, é de uma serenidade admirável, do primeiro ao último compasso.

O que é que *Klang* lhe transmite?
Algo de extraordinário enquanto lição de vida e de arte: até ao fim, este compositor reinventou-se inteiramente em cada obra. Inteiramente. De cada vez que começava a compor era como se recuasse à infância e não soubesse nada outra vez. Ele olhava para todas as coisas com um misto de profunda inteligência e de espanto quase virginal.

De eterna curiosidade?
Mais do que isso. Ele reinventava a técnica toda de obra para obra, coisa que raríssimos artistas foram capazes de fazer. Stockhausen é provavelmente o compositor da história da música em que essa dimensão é mais radical.

Ciclo Stockhausen

3 Outubro, Sábado, 17h00
Filmes | Auditório 3
Mikrophonie de Sylvain Dhomme (1966, 30')
Stockhausen nas grutas de Jeita, Líbano
de Anne-Marie Deshayes (1969, 45')

3 Outubro, Sábado, 19h00
Grande Auditório
António Perez Abellan Sintetizador
Barbara Zarichelli Soprano
Hubert Mayer Tenor
Juditha Haeberlin Violino
Axel Porath Viola
Dirk Wietheger Violoncelo
Kathinka Pasveer Projecção sonora
Ascensão e Esperança (1ª audição em Portugal)

4 Outubro, Domingo, 16h00
Filmes | Auditório 3
Helicopter String Quartet de Frank Scheffer (1996, 77')
Interview with Stockhausen de Olivier Assayas (2007, 52')

4 Outubro, Domingo, 19h00
Grande Auditório
Franck Gutschmidt Piano
Benjamin Kobler Piano
Stuart Geber Percussão
Kathinka Pasveer Projecção sonora
Durações Naturais e Porta do Céu (1ª audição em Portugal)

5 Outubro, Segunda, 18h00
Comentário pré-concerto | Auditório 3
Pedro Amaral
5 Outubro, Segunda, 19h00
Grande Auditório
Marco Blaauw Trompete
Kathinka Pasveer Flauta
Suzanne Stephens Clarinete
Florian Zwissler Projecção sonora
Kathinka Pasveer Projecção sonora
Beleza (estreia mundial) e Cosmic Pulses (1ª audição em Portugal)

De obra para obra reinventou sempre a maneira de fazer. É verdadeiramente como se tivesse necessidade de esquecer tudo o que aprendeu, revelando assim, naturalmente, um lado profundamente autodidacta. Estudou no Conservatório, naturalmente, e até determinado momento foi influenciado pelos seus predecessores e pelos seus contemporâneos; mas tornou-se rapidamente um autodidacta na medida em que aquilo que procurava desvendar era absolutamente novo e, de cada vez, tinha de encontrar um modo próprio de o desvendar, digamos assim.

Pode falar-se quase num acto criativo inesgotável?
Nesse sentido foi inesgotável até ao último dia da sua vida, em que faleceu depois de terminar uma última peça para orquestra de câmara. Ele tinha esta capacidade, esta exigência essencial de olhar de para a escrita como uma coisa única e com a candura de uma criança. Ele surpreendia-se a si próprio – e a todos os seus colegas. O que ele mais abominava em arte, na música em particular, era a ausência de surpresa: detestava tudo o que não o surpreendesse.

Trabalhou muito perto de Stockhausen, depois das suas teses de mestrado e doutoramento sobre obras dele. O que é que Stockhausen representa para si enquanto compositor?
Quando fui trabalhar com Stockhausen, a seu convite, eu tinha terminado a parte didáctica da minha formação. Essa parte concluí-a, aliás, com um aluno dele, o Emmanuel Nunes, e eu penso que construí a minha técnica um pouco por oposição, como certos filhos cuja personalidade se desenvolve por oposição em relação à dos pais. Aprendi imenso com o Emmanuel que, por sua vez, tinha aprendido imenso com Stockhausen. Há aspectos do ensino de Stockhausen que, em Emmanuel Nunes, ficaram intactos, até hoje. São coisas interessantíssimas, nomeadamente toda a técnica de escrita subjacente a uma determinada concepção da forma aberta, que Emmanuel Nunes utiliza na escrita de obras "fechadas". São aspectos extremamente interessantes, do ponto de vista intelectual e estético, mas eu acabei por construir a minha técnica por oposição e, nessa medida, quando fui trabalhar com Stockahausen, como seu assistente, levava uma certa bagagem e já não sofri a sua influência directa. Tenho uma admiração imensa por Stockhausen, é um dos gigantes da música ocidental; estudei a fundo a sua música, dirijo regularmente as suas obras, fiz estreias nacionais de algumas delas em diversos países, mas a verdade é que nunca me senti influenciado por ele como compositor. A maneira como a pessoa compõe está intrinsecamente ligada ao que a pessoa é. Stockhausen era capaz de fazer um plano quase algébrico de uma peça antes de iniciar a composição propriamente dita. Depois começava a compor a partir desse plano e, sem o infringir, era de uma liberdade musical espantosa. Uma espantosa liberdade estética face a um plano rígido, aritmético. Eu não sou capaz de fazer isso, de ter essa maleabilidade em relação ao aritmético, como ele tinha. Sou mais proustiano, nesse sentido: a escrita nasce de si mesma, gerando mil parêntesis, múltiplas variantes e inesperados desenvolvimentos. E em relação à história da música, em geral, determinados compositores influenciam imenso os seus sucessores, enquanto outros são de tal modo originais que dificilmente criam escola – pensemos em Gesualdo ou Janácek. Stockhausen deixa muito em relação à tecnologia, muita gente trabalha a partir das suas descobertas, mas a sua maneira de compor é tão única que, felizmente, é difícil copiá-lo – e, copiando, impossível igualar a sua originalidade e seu génio. Há obras suas que tiveram uma incidência histórica determinante, como *Stimmung*, que deu origem a uma corrente importantíssima na música contemporânea, o espectralismo; mas não há uma única obra espectral que soe como aquela: *Stimmung* é uma obra única.

Daniel Barenboim escreve no seu livro "Está tudo ligado", citando Pierre Boulez, que as obras contemporâneas são tocadas poucas vezes. Esta atitude, segundo eles, impede a criação de uma familiaridade na orquestra que as toca, mas também com o público. Partilha da mesma opinião?
Stockhausen disse-me um dia, já no final da sua vida que "detestava" a orquestra, e evitava compor para orquestra. Quando recebeu a encomenda de Hoch-Zeiten, para coro e orquestra, eu ainda não trabalhava com ele, mas encontrei-o, em Amesterdão, como aluno de direcção de orquestra de Peter Eötvös. Lembro-me como se fosse hoje. Depois de um ensaio, ele teve a amabilidade de conversar comigo sobre aquela sua nova encomenda, e disse-me: "não sei bem como vou abordar isto porque coro e orquestra soa imediatamente a coro e orquestra". Ele precisava de encontrar um tipo de sonoridade que, desde logo, pusesse em relevo a originalidade da obra. E a maneira que inventou é surpreendente: colocou a orquestra numa sala, com o respectivo público, e o coro noutra sala, também com o respectivo público, em execuções simultâneas, paralelas. À medida que o duplo concerto se desenrola, determinados momentos que se ouvem num dos auditórios são "injectados" no outro, através de microfones e colunas; no intervalo, o público troca de auditório e vai como que experienciar o "reverso" da obra. É fascinante!... Mas também se compreende a aversão que Stockhausen tinha à ideia de orquestra: por um lado, por muito original que seja a obra, a orquestra tem uma sonoridade própria que é difícil contornar; por outro lado, é problemático submeter uma orquestra, cujo repertório é essencialmente clássico e romântico, à originalidade quase utópica da escrita de Stockhausen. A sua defesa, por assim dizer, foi compor o mais possível para solistas. *Freude*, para harpas, é interpretada de cor durante quarenta e cinco minutos de uma escrita extremamente difícil. É deslumbrante, mas com orquestra seria impossível. ■

NAS FRONTEIRAS DO UNIVERSO

CONFERÊNCIAS 09 | 10

Em 1609, registou-se a primeira utilização do telescópio para observações astronómicas por Galileu. Passados 400 anos, o Ano Internacional da Astronomia 2009 assinala a data e, em Portugal, a Fundação Gulbenkian participa nas comemorações com a apresentação do ciclo de conferências *Nas Fronteiras do Universo*, "dando a conhecer a todos o mundo em que vivemos, a sua beleza e a sua dinâmica, mas também o entusiasmo e a imaginação daqueles que diariamente interrogam e questionam as suas fronteiras", diz o director do Serviço de Ciência da Fundação Gulbenkian, João Caraça. Assim, em colaboração com a Associação Cientistas no Mundo e o Centro Ciência Viva de Constância, a partir deste mês e até Fevereiro de 2010, o Auditório 2 da Fundação vai receber mensalmente personalidades da área científica para o desenvolvimento de temas relacionados com Astronomia.

O Universo de Einstein

"O Universo de Einstein" é o tema da conferência que abrirá este ciclo no **dia 14**, às **18h**. Proferida por Alfredo Barbosa Henriques, físico e investigador do Centro Multidisciplinar de Astrofísica (Centra), da Universidade Técnica de Lisboa, a conferência abordará o contributo fundamental para a Cosmologia do autor da Teoria da Relatividade e da equação $E=mc^2$, talvez a mais famosa da história da Física, e que em 1915 apresentou uma Teoria da Gravitação que veio substituir a visão newtoniana. No dia **11 de Novembro**, na conferência "Da Ilha do Príncipe aos Confins do Universo", o coordenador científico do Centro de Astronomia e Astrofísica da Universidade de Lisboa e subdirector do Observatório Astronómico de Lisboa, Paulo Crawford, tomará como ponto de partida a expedição que levou Eddington à ilha do Príncipe, para fotografar o eclipse total do Sol que aí ocorreu a 29 de Maio de 1919. Este registo permitiu demonstrar que os raios de luz se curvavam na proximidade de grandes massas, um resultado que ia ao encontro da previsão de Einstein e que constituiu um primeiro reconhecimento da sua teoria na comunidade científica.

A Nova Era

A **9 de Dezembro**, o astrónomo americano Robert Kennicutt, do Instituto de Astronomia da Universidade de Cambridge, falará sobre "A Nova Era de Descoberta na Astronomia". O conferencista vai debruçar-se sobre os instrumentos científicos que estão a ser planeados e construídos nos campos da Astronomia e da Astrofísica, realçando os novos métodos de análise na observação dos fenómenos estelares. A conferência será proferida em inglês, com tradução simultânea.

Os Satélites de Júpiter

A **7 de Janeiro de 2010**, a conferência "O Dia em que Nasceu a Ciência", por João Caraça, vai assinalar o 400º aniversário do primeiro registo escrito da observação científica dos satélites de Júpiter e a importância filosófica deste acontecimento. Foi precisamente na noite de 7 de Janeiro de 1610, em Pádua, que Galileu, considerado muito justamente como o "Pai da Ciência Moderna", escreveu no seu caderno as primeiras notas que registavam a observação dos satélites de Júpiter – notas essas que viria alguns meses depois a publicar juntamente com outras observações astronómicas no *Siderius Nuncius* (O Mensageiro dos Céus). No dia da conferência, os satélites de Júpiter poderão ser observados entre as 18h e as 20h, pelo que o público terá oportunidade de, a seguir à conferência, ter essa experiência através dos telescópios que serão disponibilizados na Fundação Gulbenkian. Vítor Cardoso, investigador do Centra, vai encerrar este ciclo de conferências em Fevereiro com "Nas Fronteiras da Gravitação", onde serão abordadas as novas visões do Universo e as interrogações que se levantam ao tentar apreendê-lo.

Siderius Nuncius em português

O encerramento em Portugal do Ano Internacional da Astronomia realiza-se também na Fundação Gulbenkian, a **17 de Março**, com o lançamento da primeira edição em português de *Siderius Nuncius* (1610), onde Galileu anunciava "a formidável revolução científica e social que a modernidade então encetava", nas palavras de João Caraça.

O Ano Internacional da Astronomia 2009 é uma celebração global da Astronomia e da sua contribuição para a sociedade e para a cultura, que visa estimular o interesse a nível mundial, não só na Astronomia, mas na ciência em geral, com particular incidência nos jovens. ■

Fórum Gulbenkian Migrações discute novos modelos de integração de imigrantes

A *Crise da Integração de Migrantes na Europa? Uma comparação internacional* é o título da conferência que se realiza a 25 de Novembro, no âmbito do Fórum Gulbenkian Migrações, onde será apresentado um estudo efectuado pelo Instituto Francês das Relações Internacionais (IFRI) sobre novas políticas de integração de imigrantes nos países europeus, encomenda da Fundação Gulbenkian.

Desde a última década do século XX que as sociedades europeias se têm deparado com limitações nos seus modelos de integração, especialmente no que diz respeito às populações muçulmanas. Os movimentos migratórios mudaram e os países de destino dos imigrantes são outros, tornando-se necessário questionar os modelos tradicionais de inserção e equacionar novas políticas. A conferência contará com dois painéis de convidados que irão apresentar, discutir e comparar modelos de integração vigentes, tanto em países europeus como em países de outros continentes.

Do primeiro painel fazem parte Cristophe Bertossi, investigador do IFRI responsável pelo estudo, Danièle Joly, da Universidade de Warwick, e Jan Willem Duyvendak, da Universidade de Amesterdão, que discutirão os modelos praticados em França, Inglaterra e Holanda. O segundo painel debruçar-se-á sobre as políticas de integração fora da Europa. Nancy Foner, investigadora da Universidade de Nova Iorque, Jaffrey Reitz, da Universidade de Toronto, e Robert van Krieken, da Universidade de Sydney, discutirão, por sua vez, os modelos norte-americano, canadiano e australiano.

O Fórum Gulbenkian Migrações teve início em Março de 2006 e, desde essa data, tem contribuído para promover a reflexão e a troca de experiências, e tem dado maior visibilidade às acções que a Fundação Calouste Gulbenkian tem vindo a desenvolver na área do acolhimento e integração de imigrantes. A conferência resulta de uma parceria entre a Fundação Gulbenkian e o Instituto Francês das Relações Internacionais e terá lugar no Auditório 2. ■

Novas estratégias para o desenvolvimento na CPLP

Custódia Tiny da Fundação Mãe Santomense e Emílio Rui Vilar.

As novas tendências da ajuda ao desenvolvimento no actual contexto de crise mundial foram debatidas por mais de quatro dezenas de fundações durante o 6º Encontro de Fundações da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), que decorreu nos dias 16 e 17 de Setembro, em São Tomé e Príncipe.

No documento final, subscrito por todas fundações presentes, reafirmou-se a importância de repensar o actual modelo da ajuda, estabelecendo como linhas mestras de actuação a educação para o desenvolvimento e o estímulo a projectos de inovação social, através da capacitação das organizações da sociedade civil, sustentada por uma rede de parcerias. O papel fundamental da mulher na ajuda ao desenvolvimento, a redução da mortalidade infantil e a melhoria da saúde materna foram outras das questões consideradas prioritárias e que serão objecto de uma atenção especial por parte das fundações envolvidas.

Naquele que foi o Encontro mais participado de sempre, que contou com a presença do Secretário Executivo da CPLP, sublinhou-se ainda a necessidade de adaptar a ajuda a cada realidade social e cultural, de forma a salvaguardar a dignidade humana e os valores da cada comunidade. As Fundações comprometeram-se, por outro lado, a realizar um estudo com base no levantamento de casos de sucesso de empreendedorismo juvenil no espaço da CPLP, para servir de exemplo de boas práticas e capital de conhecimento.

Por fim, reconhecendo a importância da cultura e da criatividade no desenvolvimento social e humano, reafirmou-se o papel decisivo das Fundações para a divulgação desta expressão criativa, através do estímulo ao trabalho dos artistas e à sua circulação.

Emílio Rui Vilar, presidente do Centro Português de Fundações e da Fundação Calouste Gulbenkian, defendeu, numa comunicação proferida na sessão de abertura, a importância da aposta na inovação social e no empreendedorismo para encontrar novas respostas urgentes para os grandes desafios deste século – educação, saúde, alimentação e sustentabilidade ambiental. Reafirmou ainda a importância da aposta na educação e na formação, sublinhando o papel que as fundações podem desempenhar ao estimular e criar as condições para que a capacidade empreendedora e a auto-responsabilidade surja, "de preferência em contextos de inovação social". Como exemplo de inovação social, Emílio Rui Vilar referiu o microcrédito, que "tem conseguido inverter o círculo de mera subsistência de milhões de pessoas" e que conheceu hoje um enorme avanço e alcance com a sua utilização *online*.

O presidente da Fundação Gulbenkian salientou ainda que a crise económica e financeira mundial fez disparar o "capital de motivação ou de persistência" das fundações, o "capital de experiência", bem como o "capital de convocação", ou seja, a sua capacidade de promover parcerias, provando, assim, que o "capital de desenvolvimento das fundações não é apenas representado pelos seus activos financeiros".

A sessão de abertura foi presidida pelo primeiro-ministro de São Tomé, Joaquim Rafael Branco. Para além de Emílio Rui Vilar, a Fundação Calouste Gulbenkian esteve representada por Isabel Mota, administradora, Maria Hermínia Cabral, directora-adjunta do Serviço de Saúde e Desenvolvimento Humano, António Pinto Ribeiro, coordenador do Programa Gulbenkian Próximo Futuro, e Rui Gonçalves, adjunto do presidente. ■

UK Branch tem novas instalações

A Delegação da Fundação Gulbenkian em Londres (UK Branch) mudou-se para as suas novas instalações em Hoxton Square. Situada no East End londrino, esta zona era predominantemente industrial e operária, mas nos últimos 20 anos ganhou uma nova dinâmica, transformando-se num centro vibrante do meio criativo e artístico, com uma grande diversidade social e cultural. O novo edifício encontra-se próximo da galeria de arte White Cube, bem como de várias outras organizações não lucrativas de vocação educativa, social e artística que operam nesta parte da cidade. Com dois andares e cerca de 500 metros quadrados de área total, o edifício renovado adquirido pela Fundação exibe um traçado contemporâneo, com alguns ecos arquitectónicos subtis da sua sede em Lisboa, contrastando com a mansão oitocentista em Portland Place, na zona ocidental da cidade, onde a delegação funcionou durante muitos anos. O interior das novas instalações alberga obras cedidas pelo Centro de Arte Moderna e funciona em espaço aberto, com janelas de grandes dimensões que permitem um contacto visual permanente com o exterior. O espaço é passível de ser adaptado para a realização de seminários, *workshops*, lançamentos e recepções, e o edifício tem ainda espaço disponível para o funcionamento de outras organizações que trabalham em projectos de parceria com o UK Branch.

Segundo o director Andrew Barnett, as novas instalações oferecem todas as condições de um escritório moderno e "reflectem uma imagem consistente com os objectivos culturais, sociais e educacionais do UK Branch, que valoriza a inovação e a internacionalização, desenvolvendo uma actividade independente, ainda que envolvente".

A inauguração oficial das novas instalações do UK Branch decorreu no dia 30 de Setembro, com a apresentação do estudo *Social and Cultural Survey of Shoreditch and Hoxton* e uma recepção, ao fim da tarde, com o Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian e representantes de organizações locais. Na mesma ocasião, o UK Branch programou uma série de eventos musicais de fruição gratuita, *Hoxton Squared*, que teve lugar nos cafés e bares situados nas imediações. ■

Intercâmbio

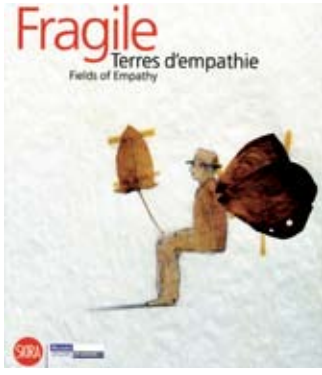
Se o Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano, criado em 2008 no âmbito das actividades do Serviço de Saúde e Desenvolvimento Humano da Fundação, tem focado o seu trabalho sobretudo nas áreas do envelhecimento da população e da inovação social, também o UK Branch se tem dedicado a projectos que lidam com questões afins, como sejam a solidão, as demências e as relações intergeracionais. Tendo em conta objectivos comuns, o reforço do trabalho em conjunto entre Londres e Lisboa tem sido feito através do intercâmbio de jovens colaboradores da Fundação, de nacionalidade portuguesa e inglesa, valorizando a importância do *networking* e possibilitando a troca de conhecimentos e experiências locais. Embora contextos diferentes exijam respostas diferentes, um exemplo deste trabalho em conjunto, em que os colaboradores de Lisboa e Londres estabelecem pontes, é o projecto *Action for Age* – uma parceria da Fundação com a ExperimentaDesign'09. Trata-se do desenvolvimento de um projecto que o UK Branch já tinha apoiado, onde a inovação social é aplicada aos problemas do envelhecimento, chamando valências – como o Design – que tradicionalmente não são direccionadas para estas áreas, para a concepção de novas respostas e modelos de abordagem inovadores.

Novos catálogos na Biblioteca de Arte

Dan Graham: Beyond

Até ao dia 11 de Outubro, o Whitney Museum of American Art, em Nova Iorque, apresenta uma retrospectiva dedicada ao artista americano Dan Graham (n. 1942). Organizada em conjunto pelo Museum of Contemporary Art (MOCA) de Los Angeles, onde se estreou, e pelo Whitney Museum, esta é a primeira grande exposição realizada nos Estados Unidos sobre as diversas fases da carreira e da produção artística de Dan Graham, desde o seu início, em meados da década de 60, até à actualidade. Graham é um dos artistas mais influentes do panorama da arte contemporânea, cujo trabalho tem explorado diversos meios – fotografia, filme e vídeo, *performance*, instalação e arquitectura –, através dos quais procura de forma crítica, utilizando frequentemente o humor, aprofundar as relações complexas e multifacetadas que se estabelecem entre as obras de arte e os seus espectadores, entre estes e os *performers*, e entre a arquitectura e os que a habitam. Desde os anos 60 que Dan Graham tem igualmente relacionado o seu trabalho com a música, quer escrevendo sobre músicos como Steve Reich e Patti Smith, quer colaborando com eles, como foi o caso dos Sonic Youth, por exemplo. Para acompanhar esta retrospectiva – que de 31 de Outubro a 31 de Janeiro estará no Walker Art Center, em Minneapolis –, foi concebido um livro da responsabilidade editorial de Bennett Simpson, do MOCA, e de Chrissie Iles, do Whitney, que foram igualmente os dois curadores da exposição. Trata-se de um volume muito ilustrado, com um *design* gráfico semelhante às revistas de que Dan Graham confessa gostar – "I love magazines because they are like pop songs..." – e em que conceptualmente tem trabalhado desde a década de 60. Contém oito ensaios de vários autores, abordando os diversos campos de acção da obra de Graham, uma reimpressão de alguns dos seus ensaios, duas entrevistas novas com o artista e uma "Manga Dan Graham story", isto é, uma banda desenhada em estilo "manga" contando o seu percurso artístico. Poderá consultá-lo na Biblioteca de Arte. ■

Fragile: Terres d'empathie=Fields of empathy



Fragile : Terres d'empathie=Fields of empathy foi o nome da exposição que, até 16 de Agosto, ocupou as salas do Musée d'Art Moderne de Saint Étienne Métropole (França). Segundo o que o seu responsável curatorial, o historiador de arte húngaro Lóránd Hegyi, escreve no catálogo, esta exposição segue a mesma linha de outras anteriormente apresentadas no museu, destinadas "a tornar clara e mais compreensível a prática da arte contemporânea", recorrendo para isso, entre outras, a uma abordagem antropológica da experiência sensível e concreta do nosso quotidiano. A fragilidade foi aqui entendida por Hegyi (que é igualmente o director do Museu) no sentido em que foi expressa pelo filósofo francês Emmanuel Lévinas (1906-1995): ela torna possível a abertura ao outro, permite criar ligações entre os indivíduos, estimulando assim situações humanas sensíveis e emocionalmente ricas. A fragilidade é encarada como uma entidade estética e ética que se liga ao estabelecimento de valores positivos, como a solidariedade e a empatia, perdendo, deste modo, a carga negativa de fraqueza a que costuma estar associada. As obras expostas (cerca de 300, entre pintura, escultura, desenho, fotografia, instalação e vídeo) dos 40 artistas seleccionados, a maior parte dos quais ainda com pouca visibilidade nos circuitos artísticos internacionais, jovens e oriundos de latitudes geográficas e culturais tão diversas como a Coreia do Sul, a Albânia, a Rússia e o Brasil, confrontavam o visitante com as suas visões de celebração da existência humana, no que ela pode ter de mais banal e, contudo, de essencial, poético e frágil. Na Biblioteca de Arte poderá ser consultado o livro-catálogo desta exposição que contém, para além da reprodução de uma selecção das obras expostas e das biografias dos artistas, dois ensaios: um da autoria de Lóránd Hegyi e outro escrito pelo crítico de arte e curador italiano Eugenio Viola. ■ **Ana Barata**

Centro de Documentação sobre Fundações

A Fundação Calouste Gulbenkian conta, desde Janeiro, com um Centro de Documentação que reúne um conjunto de informação que permite o estudo e apoio às actividades da Fundação e um aprofundamento de temas ligados ao papel das organizações sem fins lucrativos, incluindo projectos de promoção do desenvolvimento.

A documentação encontra-se organizada em livre acesso às estantes, dividida por secções, destacando-se as relativas ao Sector Não Lucrativo, obras de apoio às quatro áreas estatutárias da FCG e documentação publicada pela Fundação e por instituições congéneres sobre as respectivas actividades, tendo em conta a sua missão, os valores e os objectivos. Aberto a todos os funcionários e outros colaboradores, o Centro de Documentação encontra-se organizado de uma forma simples e acessível, podendo os utilizadores usufruir de auto-empréstimo da documentação, bastando para tal possuírem Cartão de Leitor da Biblioteca de Arte.

No escaparate "Destaques" são colocados os fascículos mais recentes de publicações periódicas, bem como as novidades relativas às Monografias ou parte da colecção que esteja relacionada com um evento a decorrer na Fundação, sobre Filantropia ou sobre Gestão das Artes, por exemplo.

A documentação pode ser consultada, a partir de agora, por qualquer pessoa interessada nestes temas, que terá apenas de se dirigir à Biblioteca de Arte. Esta colecção especial pode ser pesquisada no catálogo da Biblioteca de Arte: www.biblarte.gulbenkian.pt/. ■

Infância, Crianças e Internet: desafios na era digital

Este ano, o tema da conferência internacional sobre Educação vai passar pelas tecnologias de informação e comunicação e pela forma como ocupam um lugar central na vida dos mais pequenos. A 23 e 24 de Novembro, a Internet e os novos *media*, o seu lugar na família e na escola, vão estar em debate na Fundação Gulbenkian, com o contributo de especialistas portugueses e estrangeiros. Como escreve a socióloga Ana Nunes de Almeida, comissária da iniciativa, várias questões serão desenvolvidas em conferências ou mesas-redondas: "a infância digital?; geografias do risco, o público e o privado; os ofícios da criança na era digital; as TIC (tecnologias de informação e comunicação) em casa: contextos e desigualdades; aprendizagens e saberes infantis: a sala de aula e a escola; o jogo das gerações". (Programa a divulgar na próxima Newsletter.) ■

Vítor Aguiar e Silva recebe Prémio D. Diniz

Vítor Aguiar e Silva foi distinguido pelo conjunto dos seus ensaios sobre a lírica camoniana e *Os Lusíadas – A Lira Dourada e a Tuba Canora* – com o Prémio de Literatura D. Diniz 2009, em cerimónia realizada no dia 12 de Setembro, na Casa de Mateus, em Vila Real. O galardão, que vem sendo atribuído pela Fundação da Casa de Mateus desde 1980, foi entregue ao investigador por Emílio Rui Vilar, presidente da Fundação Gulbenkian. Vítor Aguiar e Silva foi bolseiro da Fundação Gulbenkian nos anos 60, enquanto estudante de doutoramento na Biblioteca Nacional de Paris, na Biblioteca da Sorbonne e na Biblioteca Nacional de Madrid. ■

Programa Gulbenkian Ambiente

A Nuvem (Die Wolke), de Gregor Schnitzler – 13 Outubro

Novos livros sobre Ambiente

O Programa Gulbenkian Ambiente vai apoiar a edição de três trabalhos de investigação científica em temáticas ambientais, escolhidos entre as 30 obras candidatas ao concurso Comunicar Ambiente. O júri decidiu premiar Maria José Martins Silva pela obra *Ambiente – uma questão de ética*, Ana Isabel Queiroz por *A Paisagem de Terras do Demo* e Carla Maria Gomes pela obra *Alterações Climáticas e Desenvolvimento Limpo: cooperação entre Portugal e os PALOP.* Neste concurso houve ainda lugar para atribuição de uma menção honrosa a Maria da Graça Martinho, autora do trabalho *Psicologia da Reciclagem: porque é que uns reciclam e outros não?*. Este concurso tem como objectivo apoiar a edição de obras inéditas, de não ficção, a publicar na Colecção Gulbenkian Ambiente, editora Esfera do Caos. ■

Cinema&Ambiente O filme que se segue

No dia 13, o ciclo Cinema&Ambiente volta à Cinemateca Portuguesa, em Lisboa, com a exibição do filme alemão *A Nuvem*, de Gregor Schnitzler. Baseado no *best-seller* de Gudrun Pausewang, o filme mostra os efeitos de um acidente numa central nuclear na região de Frankfurt. A fuga num reactor vai produzir uma nuvem radioactiva que alastra às cidades dos arredores e provoca mais de 30 mil mortos. Entre os que conseguem sobreviver estão Hannah e o namorado Elmar, dois jovens que vão lutar desesperadamente pela vida, no meio da destruição provocada pelo acidente. O filme será comentado pela directora da Casa Fernando Pessoa, Inês Pedrosa, e a sessão tem entrada livre. ■

Filantropia da Partex Oil & Gas distinguida em Abu Dhabi

A Partex Oil & Gas, empresa detida pela Fundação Gulbenkian na área energética, foi distinguida pela Emirates Foundation for Philanthropy, numa cerimónia realizada no dia 13 de Setembro, em Abu Dhabi. O troféu distinguiu o trabalho filantrópico da Partex, pela contribuição e participação nas actividades desenvolvidas pela Emirates Foundation for Philanthropy, presidida pelo Shaikh Abdullah Bin Zayed Al Nahyan. Esta Fundação dedica-se a ajudar os jovens e as pessoas com necessidades especiais, bem como estudantes e as suas famílias nos Emirados. A acção da Partex foi considerada "pioneira" pelo Shaikh Abdullah, que entregou o prémio a José M. Pereira, representante da Partex Oil & Gas no Médio Oriente. ■

A Musealização da Ciência em Portugal

Ana Delicado

Estudo sobre uma das interfaces da relação entre a ciência e o público: os museus científicos. "Num contexto em que tantas e tão diversas instituições investem na criação de museus científicos e em que a retórica da cultura científica invade os discursos de políticos e cientistas, mas também em que parece crescer o afastamento e a desconfiança do público perante a ciência, esta investigação pretende ser um contributo dos estudos sociais da ciência para a compreensão deste fenómeno, escassamente estudado em Portugal", lê-se na introdução. Este trabalho da socióloga Ana Delicado constitui um contributo para o debate crítico sobre que cultura científica se quer disseminar, como lançar pontes entre cientistas e público, e como transformar os museus em instrumentos efectivos de comunicação bidireccional. Uma edição integrada na colecção Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, em parceria com a Fundação para a Ciência e Tecnologia. ■

Uma Introdução Histórica ao Direito Constitucional Ocidental
R.C. van Caenegem

A Igreja e a Instauração do Liberalismo Em Portugal (1816-1840)
D. João de Magalhães e Avelar e Frei Manuel de Santa Inês
José António Oliveira

Reedições

Introdução aos Circuitos Eléctricos e Electrónicos 4ª Edição
Manuel de Medeiros Silva

Catedral de Calecute renovada

Um ano depois, estão concluídas as obras de restauro da catedral da diocese de Calecute, na Índia, realizadas com o apoio da Fundação Gulbenkian, no âmbito das acções de recuperação e preservação do património histórico de origem portuguesa no estrangeiro. Além da componente financeira, a Fundação colaborou ainda através de orientação técnica do arquitecto Hélder Carita. A igreja sofreu diversas vicissitudes ao longo dos séculos, incluindo acções de vandalismo sobre os objectos de culto, além de intervenções no edifício que deixaram poucos vestígios da traça original, sendo, no entanto, visíveis, elementos de nítida influência portuguesa. Um desses elementos consiste num coro alto, característica específica das igrejas portuguesas, sem qualquer paralelo na arquitectura católica da época moderna, e cuja existência tem implicações no desenho da fachada. Até há pouco tempo, esta catedral era conhecida localmente como *Parangi Palli*, ou seja, Igreja dos Portugueses. A cerimónia de inauguração da catedral restaurada vai realizar-se no dia 29 deste mês, na presença do Embaixador português na Índia. ■

Outros apoios

Apoio às Artes

Subsídio ao encenador João Garcia Miguel para aquisição de material necessário ao desenvolvimento das actividades teatrais em funcionamento no novo espaço alternativo "Espaço do Urso e dos Anjos". Foi ainda concedido um apoio à Rosa Filmes para comparticipar nos encargos com a tradução e legendagem do filme *Morrer como um Homem*, de João Pedro Rodrigues, permitindo a sua apresentação na 62ª edição do Festival de Cannes.

Os Jesuítas e as trocas entre Portugal e o Japão

Subsídio ao McMullen Museum of Art Boston College para os trabalhos de preparação da exposição *Spiritual Beliefs and Earthly Googs: Jesuits and the Exchange between Portugal and Japan in the Age of Exploration*, que irá decorrer naquele Museu no início de 2013. Foi também concedido um subsídio à Artofilms para a produção de um DVD com os filmes dedicados a Fernando Pessoa *L'intranquilité* e *La parole et l'utopie*.

História do Futuro

Apoio ao Centro Universitário Padre António Vieira para comparticipar nas despesas com a execução do projecto História do Futuro. Este projecto destina-se a apoiar os jovens licenciados em situação de desemprego, proporcionando-lhes condições para a sua integração na vida activa.

Depois da crise

Apoio ao Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa para a organização de um seminário fechado, com o objectivo de promover a discussão sobre o tema *After the Crisis. Towards a new Economic Culture*, realizado este Verão.

As estórias dentro da História

*Jorge Pessoa Santos Carvalho**
66 anos
História

Nos anos 60 trabalhou numa Biblioteca Itinerante da Fundação Gulbenkian. O que nos conta desse tempo?
Fui encarregado da Biblioteca Itinerante nº 44 de Mirandela entre Novembro de 1965 e Agosto de 1966, e da Biblioteca nº 32 de Abrantes. Desta última, fui também um dos seus primeiros leitores (Julho de 1961) e, depois, amigo do António Maia Lobo, o seu primeiro encarregado. As muitas horas de convívio e conversa com este que foi o meu mestre na arte e ofício de "bem emprestar livros" e de outros saberes – da literatura à música, passando pelo cinema e alguma política à mistura – nunca foram esquecidas por mim, que era então um jovem estudante em Lisboa. Poucos anos passados, recebo uma inesperada carta da Fundação e, após alguns dias, estava em Trás-os-Montes, onde nunca tinha estado. Ali, conheci centenas e centenas de crianças, jovens, homens e mulheres de umas trinta e muitas povoações de quatro ou cinco concelhos que a nossa Citroën visitava todos os meses. Terras pobres e de milhares de emigrantes em França. Entre tantas e tantas histórias, de crianças que ainda não andavam na escola, mas pediam um livro "para ver os bonecos e aprender a ler", ao jovem estudante que nos esperava sozinho, num cruzamento perdido na estrada, para levar livros de literatura, história e tudo que não sabia e queria saber, lembro-me de uma leitora numa pequena aldeia, onde os leitores nunca foram mais de meia dúzia. Apesar dos vários anos a verem a biblioteca, uma vez por mês, os seus habitantes continuavam a desconfiar como se podia emprestar livros sem receber nada em troca e nenhuma explicação os convencia que não haveria algo por trás de tanta bondade. Outras razões mais sociológicas explicavam essas desconfianças... mas voltando a essa leitora que levava todos os livros de viagens que podia encontrar: era uma mulher sorridente, vestida de negro, infância passada em terras francesas e avó de uma menina inteligente, que terminava a quarta classe e não podia continuar a estudar, porque não podiam pagar o colégio mais próximo e não havia outra escola. Um dia, um vizinho perguntou-lhe, ao vê-la a ler, porque perdia tempo em leituras, ao que lhe respondeu se ele sabia onde ela estava. Perante a sua surpresa, acrescentou que enquanto ele estava ali, ela estava no Amazonas, num rio que ele nem sabia onde ficava.

O que o levou a viver em Belgrado durante 20 anos?
Como, em 1962, fui preso durante a Crise Académica e, em 1964, por "actividades subversivas" contra aquilo que se chamava Estado Novo, achei que não devia subir mais uma vez as escadas de um edifício, que existiu na Rua António Maria Cardoso, ou passar mais um dia nas celas do Aljube ou de Caxias. Também, viajar nunca cansou quem tem vinte e poucos anos e, além disso, queria estudar História

A cidade de Belgrado...

Não se pode falar de Beograd (Cidade Branca, em português), com os seus dois rios (Danúbio e Sava) e um milhão e meio de habitantes, sem se mencionar a sua história. Como hoje, as surpresas da chegada a uma terra desconhecida quase desapareceram para o viajante bem informado, resta-lhe esse conhecimento do passado para não ficar com impressões semelhantes às fotografias desfocadas.

Entre 1914 e 1999, esta cidade foi bombardeada e ocupada várias vezes, e foi ainda capital de um país que desapareceu nos horrores da guerra. Demasiadas tragédias e destruições para tão pouco tempo.

Naturalmente, quem aqui viveu anos e anos, quer queira quer não, nunca mais pode esquecer as suas ruas, casas e os habitantes que melhor conheceu.

Também, uma cidade que inspirou um poema como o Lamento sobre Belgrado, merece todas as atenções dos seus visitantes. Como o seu autor, Miloche Tsrnhanski, não esqueceu uma outra cidade ("Lisboa e o meu caminho / no mundo, castelos no ar e na espuma do mar"), é de pedir que entre esses visitantes atentos estejam muitos daqueles que cheguem dessas paragens à beira do Tejo.

e conhecer novas gentes e terras. Depois, sabia da existência de bolsas de estudo através do SEEPE (Secretariado dos Encontros de Estudantes Portugueses no Estrangeiro), cuja sede estava em Paris. Em Bragança consegui sem dificuldades um passaporte – facilidades explicáveis por uma poliomielite e, por isso, livre do serviço militar – e, nas férias (Agosto de 1966), estava na capital francesa. Ali, encontrei colegas que conhecia desde Lisboa e, em fins desse mês, um telegrama da União de Estudantes da Jugoslávia comunicou-me que o meu ano escolar começaria, em Belgrado, em meados de Setembro.

Se até 1974, nunca pensei em regressar, após o 25 de Abril, trabalhei na embaixada portuguesa, fui tradutor e terminei um mestrado em História do Século XX. Como também já tinha família, houve algumas viagens a Portugal e, assim, os anos passaram. Em 1986, regressei a Portugal. Pensei que podia ser professor. Enganei-me, mas isso já é outra história...

O que investiga actualmente nos Arquivos Históricos de Belgrado?

Durante o mestrado – a tese foi sobre os refugiados jugoslavos em Portugal durante a II Guerra Mundial –, trabalhei em dois arquivos belgradinos (fundos do Governo Real Jugoslavo em Londres e da Legação jugoslava em Lisboa). Antes, tinha estudado a presença dos judeus sefarditas nos Balcãs e interessei-me pela figura do poeta Diogo Pires, o Didacus Pyrrhus Lusitanus, que viveu e morreu (de 1556 a 1599) na República de Ragusa (Dubrovnik). Além destes temas, havia outros – as relações da oposição antifascista portuguesa e dos movimentos de libertação das colónias portuguesas com as organizações políticas jugoslavas, assim como, entre os dois países após o 25 de Abril –, mas tive de esperar a passagem do prazo dos 30 anos, impostos pela legislação arquivística vigente, para ter acesso a esses fundos.

O apoio da Fundação a este projecto de investigação, permitiu-me também estender estas pesquisas a outros tipos de documentação – fotografias, noticiários e documentários cinematográficos, programas televisivos e radiofónicos (reportagens, entrevistas e outros) –, incluindo a imprensa jugoslava.

Neste momento, tomando um período que vai desde 1941 a 1978, trabalho nos citados temas que têm mais de 15 mil páginas de documentos, distribuídos por três arquivos históricos belgradinos, sem contar a outra documentação citada. ■

** bolseiro do Serviço de Educação e Bolsas a investigar nos Arquivos Históricos de Belgrado*

uma obra

Joaquim Bravo

S/título, 1972

Centro de Arte Moderna

Este desenho de Joaquim Bravo, datado de 1972, integra um vasto núcleo de obras de carácter serial e corresponde no seu percurso a uma fase em que o artista, já munido de uma poderosa cultura visual, faz experimentar em total liberdade um vocabulário formal informado, mas rigorosamente pessoal. Parece que devia ser simplesmente "experimenta", mas, como é texto assinado, será estilo?

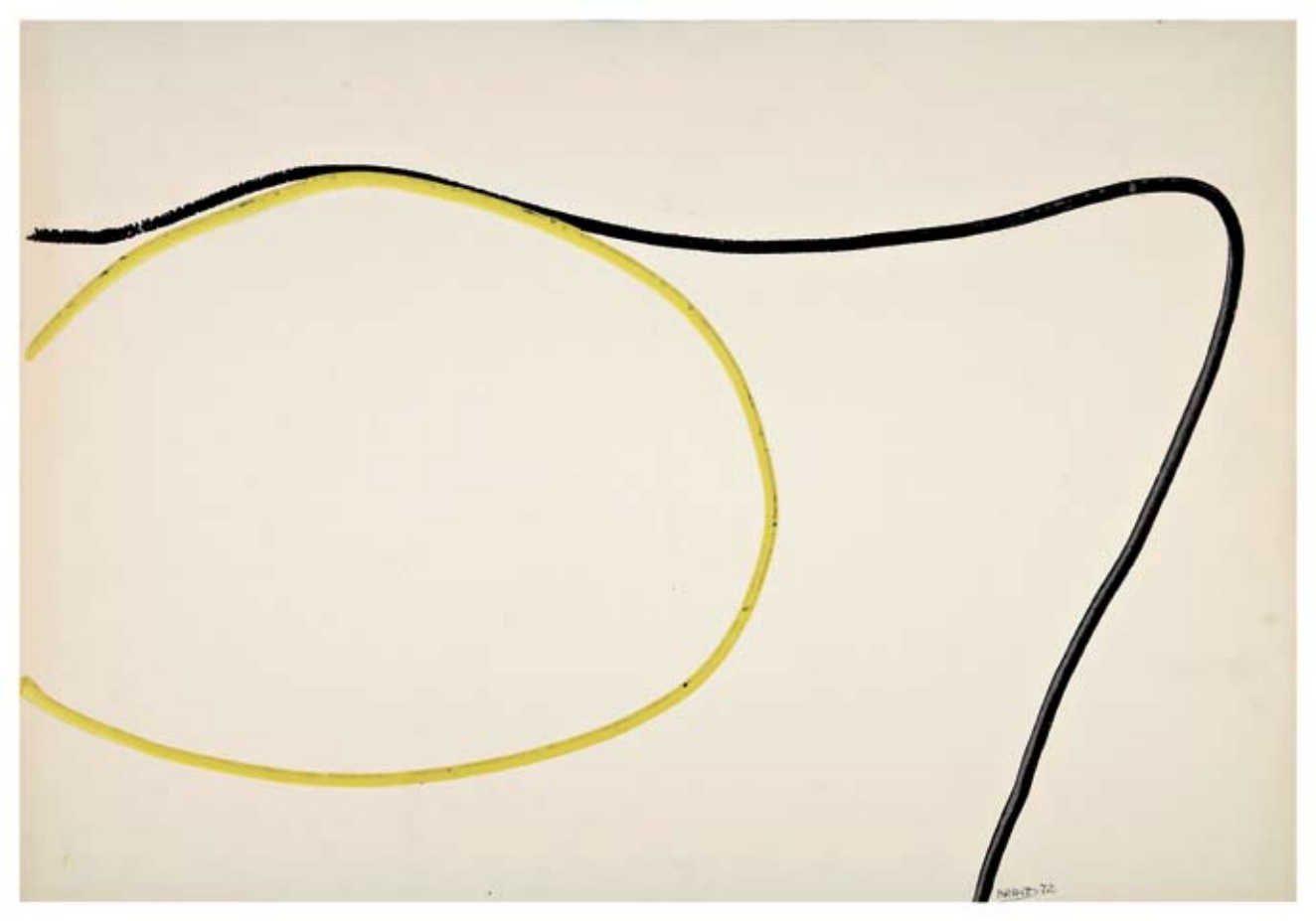
Autodidacta e com formação académica literária e filosófica, Joaquim Bravo sai de Portugal para a Alemanha em 1964 (até 1966), onde toma contacto com a vanguarda internacional (Kassel, IV Documenta). Aqui conhece os artistas emergentes da Nova Abstracção e os primeiros enunciados da *Pop Art*. O artista assinalou os artistas que mais o influenciaram – de um lado Ellsworth Kelly e Morris Louis, do outro Rauschenberg e Jasper Johns. O seu campo de intervenção cultural, inicialmente marcado por valores literários de raiz surrealista e dadaísta foi, com esta viagem, estruturalmente actualizado.

Quando regressa a Portugal em 1966, fixa-se na cidade de Lagos. De 1966 a 1971, o artista só esporadicamente irá a público em exposições colectivas.

Mas o seu trabalho é intenso sobretudo na área do desenho, que vai desenvolver num ritmo veloz, em séries sucessivas, por vezes sobrepostas, muitas outras contraditórias ou imprevisíveis. É como desenhador que Joaquim Bravo demarca o seu espaço de pesquisa pessoal. Actividade de recolhimento, permite-lhe estabelecer "itinerários de fuga", em núcleos formais coerentes, onde procura desmontar as suas próprias referências. A pintura representa para o artista a extroversão desse pensamento plástico, a notícia clarificada desses estados anteriores.

Este desenho de Joaquim Bravo, marcado pelo gesto displicente de duas linhas de tinta acrílica, situa-se nesta fase de total introspecção em que o exercício obsessivo desta disciplina define esse território de pensamento.

Ele integra uma espécie de retaguarda de referências, um imenso laboratório de formas em movimento, que surpreendem pela sua contínua diversidade, pela inesgotável capacidade de experimentar, de caminhar pelo novo. É a partir deste imenso "laboratório" que Joaquim Bravo vai organizar o seu regresso expositivo com trabalhos de pintura, desenho e escultura. As exposições na galeria Quadrante (1971) e Buchholz (1972, 1973) dão notícia de um tipo de composições aproximáveis de uma estética *hard-edge*, de estruturas geométricas simplificadas e com planos de cor bem definidos. Joaquim Bravo utilizou em pleno o poder do gesto, a hábil manipulação da geometria e uma poderosa energia plástica para armadilhar todo o discurso de tranquilidade da Nova Abstracção. No caso deste desenho, trata-se de uma composição de expressão mínima, em que a marcação do gesto e o ritmo de alternância da cor são relevantes, mas onde se insinua uma espécie de paródia figurativa na subtil sugestão figurativa de um bico de pato, forma matriz que desde o final dos anos 60, na sua expressão mais ou menos abstracta, começa a surgir no seu trabalho. Mas, do mesmo período, podemos encontrar extensas superfícies vibrantes de cor, articuladas e dispostas em rede, como se fossem padrões geométricos de tecido. De todos estas experiências, Joaquim Bravo retira o essencial para a construção itinerante do seu vocabulário pessoal e para definir o seu território de exclusão. ■ **Helena de Freitas**



Joaquim Bravo (1935-1990)
S/ título, 1972
Tinta acrílica sobre papel
42,5 x 65,1 cm
Nº Inv. 00DP1791

Duarte Mexia

O primeiro Concerto para a Família, integrado na programação do **Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura**, vai realizar-se a **28 de Novembro**, às 16h, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian. A maestrina **Joana Carneiro** dirigirá a Orquestra Gulbenkian, num programa preenchido por Mendelssohn, com o sugestivo título de Paisagens Sonoras. Três obras orquestrais do compositor alemão, inspiradas na paisagística das artes plásticas, na literatura e nas viagens. ■

A data limite para submissão de candidaturas à Distinção de **Melhores Práticas Autárquicas** em integração de imigrantes alargou-se, excepcionalmente, até ao dia **30 de Outubro**. Saiba mais em www.plataformaimigracao.org. ■

O conceituado **Trio Florestan** estará no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian a **28 e 29 de Novembro** para interpretar as composições para trio com piano de Haydn e Beethoven. A década de 1790, considerada como uma das mais importantes na carreira dos dois compositores, é o mote para os concertos integrados no Ciclo de Música de Câmara da Temporada Gulbenkian de Música. ■

As **Faces da Mente** é o título do próximo **Fórum Gulbenkian de Saúde**, dedicado à saúde mental. A primeira sessão está agendada para Fevereiro e ao programa científico do Fórum associam-se expressões artísticas em interface com a saúde mental: um ciclo de cinema, exposições e colóquios sobre ópera. ■

outubro | 15 novembro agenda

exposições

Terça a Domingo: das 10h às 18h. Encerram à segunda

Inauguram...

Anos 70
Atravessar Fronteiras
9 Outubro
Centro de Arte Moderna
Nesta exposição mostra-se a produção artística portuguesa da década de 70, uma época particularmente fecunda para a história da cultura e das artes visuais em Portugal, marcada por uma fortíssima carga política inspirada pela Revolução do 25 de Abril de 1974 e pela vivência dos primeiros anos de democracia. São apresentadas obras de cerca de 90 artistas portugueses que traduzem a assunção de uma ideologia de experimentação (estética, plástica, formal), uma enorme variedade de orientações (materiais e plásticas) e linguagens, desde as tradicionais pintura e escultura, até à performance, à instalação, bem como à consagração da fotografia e da imagem em movimento.
Comissária: Raquel Henriques da Silva
€4

A interpretação dos sonhos
Fotografias de Jorge Molder
9 Outubro
Edíficio Sede
No início do ano, Jorge Molder doou ao CAM duas séries de fotografias: O Pequeno Mundo, de 2000, e Não tem que me contar seja o que for, 2006-2007. Além destes trabalhos, é apresentada uma terceira série, recente e inédita, A interpretação dos sonhos, que dá título à exposição.
Co-produção do CAM e do Centro Cultural Calouste Gulbenkian em Paris.
Curadoria: Leonor Nazaré
Entrada Livre

Jesper Just
9 Outubro
Centro de Arte Moderna,
Sala de Exposições Temporárias
Primeira exposição individual em Portugal do artista dinamarquês Jesper Just, conhecido internacionalmente pelos seus trabalhos em vídeo. A exposição inclui uma instalação vídeo de três filmes interrelacionados do ponto de vista temático, além de outros trabalhos.
Esta exposição assinala a abertura do Festival *Temps d'Images* e é organizada em colaboração com o Nikolaj, Copenhagen Contemporary Art Center.
Curadoria: Elisabeth Hansen
Entrada Livre

Art Déco, 1925
16 Outubro
Galeria de Exposições da Sede
A exposição reúne trabalhos dos melhores artistas e das mais destacadas manufacturas e ateliês seleccionados para a Exposição Internacional das Artes Decorativas e Industriais Modernas de 1925. Muitas das obras aí patentes integram a mostra que agora se apresenta, como por exemplo o grupo escultórico de Janniot, A Primavera, concebido expressamente para o Pavilhão Ruhlmann (Hôtel du Collectionneur), adquirido por Calouste Gulbenkian em 1939. Mobiliário, jóias, escultura e outros objectos, fazem também parte desta exposição comissariada pelas curadoras francesas Chantal Bizot e Dany Sautot.
€5

eventos

Todos os eventos são de entrada livre, excepto onde assinalado

O Universo de Einstein
ciclo de conferências:
Nas fronteiras do universo
14 Outubro, quarta, 18h00
Auditório 2
Alfredo Barbosa Henriques,
Centro Multidisciplinar de Astrofísica
Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa

Conferência Gulbenkian
O Ambiente na Encruzilhada
Por um Futuro Sustentável
27 e 28 Outubro, terça e quarta, 9h00
Auditório 2
Comissariada por Viriato Soromenho-Marques, Coordenador Científico do Programa Gulbenkian Ambiente

Resposta à Crise
1º Workshop de investigação no âmbito do Programa Gulbenkian Próximo Futuro
13 Novembro, sexta, 9h30
Auditório 3

Infância, Crianças e Internet: Desafios na Era Digital
Conferência Internacional
23 e 24 Outubro, segunda e terça, 10h00
Auditório 2

A Crise de integração de Migrantes na Europa?
Fórum Gulbenkian Migrações
25 Novembro, quarta, 10h00
Auditório 2
em parceria com o Instituto Francês de Relações Internacionais (IFRI)

música

Ciclo de Canto
2 Outubro, Sexta, 19h00
Grande Auditório
Anne Sofie von Otter Meio-Soprano
Daniel Hope Violino
Bengt Forsberg Piano
Bebe Risenfors Clarinete, Acordeão, Guitarra
Canções de Theresienstadt
Johann Sebastian Bach, Ilse Weber, Karel Svenk, Emmerich Kálmán, Robert Dauber, Viktor Ullmann, Erwin Schulhoff, Viktor Ulmann, Pavel Haas, Karel Berman, Carlo Sigmund Taube

Concertos de Domingo
Ensemble Taílde
4 Outubro, Domingo, 12h00
Átrio da Biblioteca de Arte
Taissa Cunha Piano
Matilde Loureiro Violino
Claude Debussy, Fernando Lopes-Graça e César Franck
Entrada livre

Ciclo Stockhausen

Filmes
3 Outubro, Sábado, 17h00
Auditório 3
Mikrophonie de Sylvain Dhomme (1966, 30')
Stockhausen nas grutas de Jeita, Líbano, de Anne-Marie Deshayes (1969, 45')

3 Outubro, Sábado, 19h00
Grande Auditório
António Perez Abellan Sintetizador
Barbara Zarichelli Soprano
Hubert Mayer Tenor
Juditha Haeberlin Violino
Axel Porath Viola
Dirk Wietheger Violoncelo
Kathinka Pasveer Projecção sonora
Ascensão e Esperança (1ª audição em Portugal)

Filmes
4 Outubro, Domingo, 16h00
Auditório 3
Helicopter String Quartet de Frank Scheffer (1996, 77')
Interview with Stockhausen de Olivier Assayas (2007, 52')

4 Outubro, Domingo, 19h00
Grande Auditório
Franck Gutschmidt Piano
Benjamin Kobler Piano
Stuart Geber Percussão
Kathinka Pasveer Projecção sonora
Durações Naturais e Porta do Céu (1ª audição em Portugal)

Comentário pré-concerto
5 Outubro, Segunda, 18h00
Auditório 3
Pedro Amaral

5 Outubro, Segunda, 19h00
Grande Auditório
Marco Blaauw Trompete
Kathinka Pasveer Flauta
Suzanne Stephens Clarinete
Florian Zwissler Projecção sonora
Kathinka Pasveer Projecção sonora
Beleza (estreia mundial) e Cosmic Pulses (1ª audição em Portugal)

Orquestra Gulbenkian
8 Outubro, Quinta, 21h00
9 Outubro, Sexta, 19h00
Grande Auditório
Lawrence Foster Maestro
Elena Bashkirova Piano
Bach/Webern, Ludwig van Beethoven, Felix Mendelssohn-Bartholdy

Coro e Orquestra Gulbenkian
15 e 17 Outubro, Quinta e Sábado, 20h00
Grande Auditório
Claudio Scimone Maestro
Anna Rita Taliento Soprano
Angelo Scardina Tenor
Aldo Caputo Tenor
Rui Baeta Baixo
Diogo Oliveira Baixo
Marcos Portugal: La Zaira, Ópera em versão de concerto (1ª audição moderna)

Concertos de Domingo
18 Outubro, domingo, 12h00
Átrio da Biblioteca de Arte
Sandra Medeiros Soprano
Francisco Sassetti Piano
Camille Saint-Saëns, Gabriel Fauré, Ernest Chausson, Charles Gounod, Eduard Lalo, Henri Duparc, Francis Poulenc, Maurice Ravel
Entrada livre

Orquestra Gulbenkian
22 Outubro, Quinta, 21h00
23 Outubro, Sexta, 19h00
Grande Auditório
Michael Boder Maestro
Pedro Gomes Piano
Anja Kampe Soprano
Modest Mussorgsky, Sergei Rachmaninov, Richard Strauss, Nikolai Rimsky-Korsakov

Orquestra Gulbenkian
29 Outubro, quinta, 21h00
30 Outubro, Sexta, 19h00
Grande Auditório
Simone Young Maestrina
Kyril Zlotnikov Violoncelo
Johannes Brahms, Benjamin Britten, Franz Schubert

Ciclo de Piano
2 Novembro, segunda, 19h00
Grande Auditório
Grigory Sokolov Piano
Franz Schubert, Robert Schumann

Coro e Orquestra Gulbenkian
5 Novembro, quinta, 21h00
6 Novembro, sexta, 19h00
Grande Auditório
Lawrence Foster Maestro
Arianna Zukerman Soprano
Simona Ivas Meio-Soprano
Adam Zdunikowski Tenor
Luís Rodrigues Barítono
Alice Caplow-Sparks Corne inglês
Felix Mendelssohn-Bartholdy, Ludwig van Beethoven, Franz Schubert, Antonio Salieri

Concertos de Domingo
8 Novembro, domingo, 12h00
Átrio da Biblioteca de Arte
Vera Dias Fagote
Cristina Anchel Flauta
Pedro Ribeiro Oboé
Ester Georgie Clarinete
Jonathan James Luxton Trompa
Maurice Ravel, Jean-Michel Damase, Jacques Ibert, Jean Françaix
Entrada livre

Solistas da Orquestra Gulbenkian
9 Novembro, segunda, 19h00
Auditório 2
Cristina Ánchel Flauta
Elena Riabova Violino
Maia Kouznetsova Viola
Varoujan Bartikian Violoncelo
Johann Christian Bach, Bernhard Henrik Crusell, Max Reger, Ludwig van Beethoven, Wolfgang Amadeus Mozart

Ciclo de Piano
11 Novembro, quarta, 19h00
Grande Auditório
Radu Lupu Piano
Leos Janácek, Ludwig van Beethoven, Franz Schubert

Orquestra Gulbenkian
13 Novembro, quinta, 21h00
14 Novembro, sexta, 19h00
Grande Auditório
Lawrence Foster Maestro
Radu Lupu Piano
Mihaela Costea Violino
György Ligeti, Béla Bartók, Zoltán Kodály

Ciclo de Música Antiga
15 Novembro, domingo, 19h00
Grande Auditório
Academy of Ancient Music
Richard Egarr Maestro
Carolyn Sampson Soprano
Henry Purcell, Georg Friederich Händel
Nos 350 anos do nascimento de Henry Purcell

descobrir...
Programa Gulbenkian Educação para a Cultura

Museu Calouste Gulbenkian: 40 anos
2 Outubro, sexta, 11h00 e 15h00
Museu Calouste Gulbenkian
visita | **Gratuito**

Calouste Gulbenkian O gosto do coleccionador
os lugares da arte
6 Outubro, terça, 15h00
Museu Calouste Gulbenkian
visita | €5

Máscara de múmia
uma obra de arte à hora de almoço
7 Outubro, quarta, 13h30
Museu Calouste Gulbenkian
Visita | **Gratuito**

A Arte, a história e o mundo
7, 9, 14 e 16 Outubro, 4, 6, 11 e 13 Novembro, quarta e sexta, 10h30
Museu Calouste Gulbenkian
Curso teórico | **Gratuito** | **Requer marcação prévia**

Plantas portuguesas Silva Lusitana
as plantas do jardim gulbenkian
10 Outubro, sábado, 11h00
Jardim Gulbenkian
visita | €5

Exposição Anos 70: atravessar fronteiras
domingos com arte
11 Outubro, domingo, 12h00
Centro de Arte Moderna
Visita | **Gratuito**

Pequeno Mundo de Jorge Molder
uma obra de arte à hora de almoço
16 Outubro, Sexta, 13h15
Centro de Arte Moderna
Visita | **Gratuito**

Plantas mediterrâneas Mare Nostrum
as plantas do jardim gulbenkian
17 Outubro, Sábado, 11h00
Jardim Gulbenkian
visita | €5

A interpretação dos sonhos, Fotografias de Jorge Molder
domingos com arte
18 Outubro, domingo, 12h00
Centro de Arte Moderna
Visita | **Gratuito**

Plantas intercontinentais Dar novos mundos ao mundo!
as plantas do jardim gulbenkian
24 Outubro, Sábado, 11h00
Jardim Gulbenkian
visita | €5

Museu Calouste Gulbenkian: 40 anos
sempre aos domingos
25 Outubro, domingo, 11h00
Museu Calouste Gulbenkian
visita | €5

Exposição Jesper Just
domingos com arte
25 Outubro, domingo, 12h00
Centro de Arte Moderna
Visita | **Gratuito**

Pasta de papel para histórias a granel
31 Outubro e 14 Novembro, sábado, 15h00
Centro de Arte Moderna
Oficina de Artes Plásticas | €7,5

Duplos, espaços e encenações fotográficas
domingos com arte
1 Novembro, domingo, 12h00
Centro de Arte Moderna
Visita | **Gratuito**

Lalique e a Natureza
os lugares da arte
3 Novembro, terça, 15h00
Museu Calouste Gulbenkian
visita | €5

Vaso grego
uma obra de arte à hora de almoço
4 Novembro, quarta, 13h30
Museu Calouste Gulbenkian
Visita | **Gratuito**

Tecno-labirinto de Silvestre Pestana
uma obra de arte à hora de almoço
6 Novembro, sexta, 13h15
Museu Calouste Gulbenkian
Visita | **Gratuito**

Um olhar de dentro: Anos 70, uma leitura a partir da investigação
domingos com arte
8 Novembro, domingo, 12h00
Centro de Arte Moderna
Visita | **Gratuito**

"Não tem de me dizer seja o que for": Contaminações e diálogos entre o cinema e as artes visuais
domingos com arte
15 Novembro, domingo, 12h00
Centro de Arte Moderna
Visita | **Gratuito**

para os mais novos

descobrir...

Programa Gulbenkian Educação para a Cultura

Sonhar e construir
10 Outubro, sábado, 14h30
4 aos 12 anos
Museu Calouste Gulbenkian
visita/oficina | €7,5

Tartarugas do jardim
10 Outubro, sábado, 14h30
6 aos 10 anos
Jardim Gulbenkian
oficina famílias | €7,5

Parte, (re)parte e outras artes...
10 Outubro, sábado, 15h30
7 aos 11 anos
Centro de Arte Moderna
oficina | €7,5

Veneza: uma cidade sobre ilhas
11 Outubro, domingo, 10h30
4 aos 12 anos
Museu Calouste Gulbenkian
visita/oficina | €7,5

Parte, (re)parte e outras artes...
11 Outubro, domingo, 10h30
4 aos 6 anos
Centro de Arte Moderna
oficina famílias | €7,5

Ambiente e ambientes
17 Outubro, sábado, 14h30
4 aos 12 anos
Museu Calouste Gulbenkian
visita/oficina | €7,5

Herbário de sombras
17 Outubro, sábado, 14h30
6 aos 10 anos
Jardim Gulbenkian
oficina famílias | €7,5

Just Remixed – vídeo em tempo real
17 Outubro e 7 Novembro, sábado, 15h30
7 aos 11 anos
Centro de Arte Moderna
oficina | €7,5

Just Remixed – vídeo em tempo real
18 Outubro e 8 Novembro, domingo, 10h30
4 aos 6 anos
Centro de Arte Moderna
oficina famílias | €7,5

Desertos, tendas e tapetes
18 Outubro, domingo, 10h30
4 aos 12 anos
Museu Calouste Gulbenkian
visita/oficina | €7,5

As viagens do chá
24 Outubro, sábado, 14h30
4 aos 12 anos
Museu Calouste Gulbenkian
visita/oficina famílias | €7,5

Aves à solta
24 Outubro, sábado, 14h30
6 aos 10 anos
Jardim Gulbenkian
visita/oficina | €7,5

Fotografo, logo existo!
24 Outubro, sábado, 15h00
7 aos 11 anos
Centro de Arte Moderna
visita/oficina | €7,5

Fotografo, logo existo!
25 Outubro, domingo, 10h30
4 aos 6 anos
Centro de Arte Moderna
oficina famílias | €7,5

Mil e uma danças para hipnotizar
31 Outubro, sábado, 10h30
6 aos 9 anos
Música – Edifício Sede
oficina famílias | €7,5

Borboletas ao vento
31 Outubro, sábado, 14h30
6 aos 10 anos
Jardim Gulbenkian
oficina famílias | €7,5

Um dia na praia
oficina de contos
1 Novembro, domingo, 10h00 e 11h30
2 aos 4 anos
Centro de Arte Moderna
oficina famílias | €7,5

Baschet em Família
7 Novembro, sábado
3 aos 6 anos [10h00]
7 aos 9 anos [11h30]
10 aos 12 anos [15h00]
Edifício Sede
visita musical famílias | €7,5

Os gabinetes de curiosidades e os museus
7 Novembro, sábado, 14h30
4 aos 12 anos
Museu Calouste Gulbenkian
visita/oficina | €7,5

Nenúfares em papel
jardins que o jardim contém
7 Novembro, sábado, 14h30
6 aos 10 anos
Jardim Gulbenkian
oficina famílias | €7,5

São Martinho ia a cavalo
8 Novembro, domingo, 10h30
4 aos 12 anos
Museu Calouste Gulbenkian
visita/oficina | €7,5

Os meus primeiros sons
14 Novembro, sábado
até 1 ano [10h00 e 15h00]
1 aos 2 anos [11h30 e 16h30]
Edifício Sede
visita musical famílias | €15 [criança + adulto]

Os grandes construtores da Música
14 Novembro, sábado, 10h00
9 aos 12 anos
Edifício Sede
oficina | €7,5

O sol nos vidros das janelas
14 Novembro, sábado, 14h30
4 aos 12 anos
Museu Calouste Gulbenkian
visita/oficina | €7,5

Habitantes curiosos
jardins que o jardim contém
14 Novembro, sábado, 14h30
6 aos 10 anos
Jardim Gulbenkian
oficina famílias | €7,5

Um dia na praia
oficina de contos
15 Novembro, domingo, 10h30 e 11h30
2 aos 4 anos
Centro de Arte Moderna
oficina famílias | €7,5

O canapé dos segredos
15 Novembro, domingo, 10h30
4 aos 12 anos
Museu Calouste Gulbenkian
visita/oficina | €7,5

descobrir...

Programa Gulbenkian Educação para a Cultura

Os bilhetes para as actividades podem ser adquiridos através da bilheteira online e não requerem marcação prévia, excepto onde assinalado.

Informações e Reservas para todas as actividades educativas (mais novos e adultos):
de Segunda a Sexta, das 10h00 às 12h00 e das 14h30 às 16h30
Tel: **21 782 3800**
Fax: **21 782 3014**
E-mail: **descobrir@gulbenkian.pt**
Compra online:
www.bilheteira.gulbenkian.pt

país solidário

os problemas dos outros também são nossos

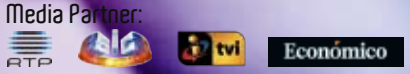
A campanha País Solidário
é uma iniciativa da sociedade civil
destinada às famílias
atingidas pela crise.

Contribua:

DEPÓSITOS NA CONTA PAÍS SOLIDÁRIO
BPI | Caixa Geral de Depósitos
Millennium BCP | Montepio
BES | Santander Totta

tel: 760 307 307
(custo chamada 0,60€ + IVA, revertendo 0,48€)

Media Partner:



Apoio: